Acervo ISA

CEDI - P. I. B.
DATA 18/08/86
COD IXD05

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA n.º 28 Ano 1975

HISTÓRIA DOS MÙNKÙ (IRÁNXE)

Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J.

Pe. José de Moura e Silva, S. J.

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça Tiradentes, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

Acervo ISA

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça Tiradentes, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S. J. — Diretor

Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica

João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia

— — — —

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

— — — —

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlicher Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austauch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

— — — —

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany**

We ask for exchange with publications of similar character.

— — — —

Registro n.º 634 — P. 209/73 da Divisão de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.

Acervo ISA

HISTÓRIA DOS MÙNKÙ (IRÁNXE)

Pe. ADALBERTO HOLANDA PEREIRA, S. J.
Pe. JOSÉ DE MOURA E SILVA, S. J.
Professores da Universidade Federal de Mato Grosso.

1. MÙNKÙ DO CRAVARI (1).

1.1. Mùnkù e civilizados.

As primeiras informações a respeito dos Mùnkù do rio Cravari são da Comissão Rondon, dadas pelos índios Paresí, em 1907. Esses os chamaram de Iranxes simplesmente, sem mesmo saberem por que os denominavam assim. Constatamos depois que esses Iránxe se autodenominam Mùnkù. Essas primeiras informações dizem:

"Graças a isso, sabemos que os Parecis se dividem actualmente em tres grupos principaes: Caxinitis, Uaimarés e Cozárinis." (2). "Além destes tres grupos, affirmam os Parecis a existencia doutros, como os Iranches e os Salumás (3), que se teriam talvez internado pelo sertão, para além do Juruena, e dos quaes nunca mais houve noticias. Durante a expedição de 1909, o amure Coluizorôcê, que acompanhou o Coronel Rondon em toda a sua travessia, esperava a cada momento encontrar "malocas" ou, pelo menos, signaes desses dois grupos; mas as suas esperanças foram frustradas: não conseguiram descobrir o menor vestigio que lhe servisse de indicio da passagem, mais ou menos recente, de sua gente por nenhum dos lugares que cuidadosamente explorou." (4). "Actualmente êles se dividem em quatro

(1) Por uniformidade com outros trabalhos, grafamos Mùnkù com acento grave e não com trema. O ù tem som aproximado ao do u francês. Menku é outra forma encontrada.

(2) Missão Rondon, p. 264.

(3) Salumã para o Nanbikuára, é índio antropófago; para o Paresí, é Uaikoakorê, isto é: Nanbikuára; para o Iránxe, é Rikbáktsa. E. Roquette-Pinto, citando Ayres de Cazal, se refere aos Sarumás e diz que Rondon, em 1912, encontrou um grupo Salumás em plena serra do Norte. (Rondônia, 5.ª ed., p. 48, 1950, São Paulo). Entretanto, em 1974, os jesuítas Pe. Thomaz de Aquino Lisboa e Ir. Vicente Cañas e mais alguns índios representando grupos lingüísticos, encontraram índios novos no rio Camararé, logo denominados pelos demais Paresí, de Salumã, conforme informações dadas aos autores.

(4) Missão Rondon, p. 267.

Acervo ISA

grupos, sob a denominação (sic) de: Uaimaré, Caxiniti, Cozárini e Iranche." (5). "O 4.° grupo dos Parecis-Iránxes — vive no valle do Rio Cravari ou Curuçü-iná tributario da direita do Timalátiá, no valle do Sauêruiná ou Papagaio, e Zolahá-ruiná ou Burity, na parte baixa destes rios, entre parallelos de 13° e 13°30' Sul e meridianos 14°46' e 15°15' ao Oeste do Rio de Janeiro." (6). "É verdade que a exploração deste rio se limitou até agora à sua margem esquerda, pois toda a margem direita está ainda occupada pelos indios Iranxes, que se oppuzeram sempre a qualquer invasão." (7). "Pelas informações dos Cozárini e Uaimaré, sei que falam o ariti, levemente modificado, constroem casas e usam rêdes como os demais Parecis." (8).

"... Assim se pode com muita razão esperar que dentro em breve estejam desenvolvidas e consolidadas aquelas incipientes relações, por ora empanadas pelo sentimento de desconfiança que lhes ficou de um ato de inqualificável crueldade contra êles praticado pelo seringueiro Domingos Antônio Pinto.

O tristíssimo acontecimento a que aludo passou-se pouco tempo depois de se ter estabelecido Antônio Pinto, com os seus camaradas, nos seringais de Corecê-inazá.

Nada se deve temer da índole pacífica e até mesmo tímida dos Iranche.

Mas, apesar disso, o truculento seringueiro entendeu que era necessário expeli-lo das proximidades do ponto em que se estabelecera; e como por ali existisse uma aldeia, assentou dar-lhe cêrco,

---

(5) Conferências, p. 81. "O Iranke não foi até o presente classificado em uma família lingüística. Mason, Oberg e Meillet consideram-no Aruák; Métraux, acompanhando Max Schmidt, acredita que pertença a um grupo lingüístico diferente." (Meader, p. 9). "Nenhum desses autores apresenta qualquer material lingüístico sobre os Iranxe. Os dados aqui apresentados deveriam ser suficientes para estabelecer a relação genética do grupo." (Meader, p. 35, nota). A nosso ver, se trata de um grupo isolado, nos termos atuais da pesquisa. (Rev. de Antrop., vol. 12, p. 106). Em 1948, o Pe. Mello tinha o mesmo parecer (Carta ao Pe. Dornstauder, 13 out. 1948). Entretanto, encontramos, por enquanto, 46 vocábulos comuns aos Paresí e Iránxe: alguns são idênticos, outros apresentam pequenas diferenças, o que insinuaria contatos.

(6) Rondon, Annexo N.° 5, p. 13. Anos depois Rondon corrigiu essa afirmação: "O rio Cravary, ou Curuçú-inazá, que nas conclusões geographicas do meu alludido relatorio é descripto como affluente da margem direita do Sacre, foi posteriormente por nós reconhecido pertencer á segunda das mencionadas sub-bacias tributarias do Juruena." (Rondon, Publicação N.° 42, p. 223, Rio de Janeiro 1916).

(7) João Salustiano Lyra, Publicação n.° 7, Annexo N.° 3, p. 9.

(8) Rondon, Conferências, pp. 87/88 e Annexo N.° 5, p. 12. Em Conferências ainda, diz Rondon das casas dos Paresí: "Primeiro traçam no chão o perímetro, quase sempre elíptico, da nova construção." (p. 84). Max Schmidt descreve os ranchos dos Iránxe: "uns em cabanas quadradas com tetos que se estendiam até o chão e outras em simples para-ventos postos obliquamente no chão." (Bol. do Museu Nacional, p. 258). Tais para-ventos se usam em acampamentos. (Cfr. Pesquisas, 1957, p. 156).
Sobre a aproximação lingüística diz Meader: "A comparação com Paresí (Aruak), que se encontra geograficamente mais perto, e com o Nanbikuára parece indicar que não há relação estreita com nenhuma das duas." (p. 9.)

Acervo ISA

com o auxílio dos camaradas, todos armados de carabinas. Pela madrugada, ao recomeçar a quotidiana labuta daquela misérrima população, a celerada emboscada rompeu fogo, abatendo os que primeiro saíram das casas para o terreiro. Os que não morreram logo, encerraram-se nas palhoças, na vã esperança de encontrarem aí abrigo contra a sanha de seus bárbaros e gratúitos inimigos. Estes, porém, já estavam exaltados pela vista do sangue das primeiras vítimas e nada os impedia de darem largas à sua fome de carnagem. Então, um dêles, para melhor trucidar os misérrimos foragidos, resolveu trepar à coberta de um dos ranchos, praticar nela uma abertura e por esta, metendo o cano da carabina, foi visando e abatendo uma após outra, as pessoas que lá estavam, sem distinguir sexos nem idades. Acuados assim com tão execrável impiedade, os índios acabaram tirando do próprio excesso do seu desespero a inspiração de um movimento de revolta; uma flecha partiu "a primeira e única desferida em todo êste sanguinoso drama" mas, essa embebeu-se na glote do crudelíssimo atirador, que tombou sem vida. A só lembrança do que então se seguiu faz tremer de idignação (sic) e vergonha! Onde haverá alma de brasileiro que não vibre uníssona com a nossa, ao saber que tôda aquela população, de homens, mulheres e crianças, morreu queimada, dentro de suas palhoças incendiadas?!" (9).

Em janeiro de 1928, Max Schmidt, baseado em informações recebidas em Cuiabá e acompanhado por índios Paresí, andou pelos igarapés do rio Cravari à procura das aldeias iránxe. Encontrou caminhos, vestígios, ranchos abandonados, artefatos, mas nenhum caminho certo. A pesada chuva, a falta de mantimento e o desânimo dos companheiros fizeram-no voltar a Utiariti, com o plano de retornar a procurar os Iránxe. Mas devido ao cansaço pessoal e falta de recurso em Utiriati, desistiu de repetir a caminhada.

Os índios Iránxe, tendo visto os rastos da comitiva de Schmidt, foram ao barracão São João, próximo ao Sacre. Daí os Paresí, sabendo o interesse de Schmidt, levaram-no a Utiariti: "Eram três homens, que, estando de visita aos Parecí, em S. João, foram levados a Utiaritî

(9) Conferência, pp. 88/89. O Pe. Dornstauder anota no diário, nov. 1948: "Luiz Gomes, Emiliano, Evaristo e Zé Mendes foram ao Paredão atrás de mulher iranxe. Zé Mendes chegou primeiro, olhou pelo buraco e foi morto. Então os seringueiros (uns 15), assaltaram os índios e mataram a tiros." O Pe. Emílio Faure escreve: "Certo Amâncio, que foi varios anos negociante em Utiariti, contou ao mesmo Ir. (Antônio) que "seringueiros chefiados por um primo do dito Amâncio foram a uma maloca dos Iranxes, disparando na vizinhança tiros que afungentaram todos esses índios com exceção de um velho que fechou sua porta e trepado num girau frechou na garganta o 1.º que trepou pela parede da casa para nela penetrar, e foi morto pelos seringueiros." (Ms.). O Ir. Antônio nos disse que se tratava de um paraguaio o que foi morto pelo índio. Estas informações parecem se referir ao texto de Rondon. "A chacina no começo do século, foi, segundo José Iránixe, um pouco abaixo ou acima da barra do Paredão, do lado esquerdo. Moravam bem mais para cima, no Cravari, que hoje." (Pe. Dornstauder, Ms.).

Acervo ISA

por um dos meus companheiros da viagem passada, para me serem apresentados. Diziam que os dois índios mais velhos eram irmãos e que o índio mais novo, tratado pelos outros como capitão, era neto de um deles, isto é, no entendimento dos índios, neto de ambos." (10).

Infelizmente frustraram-se todas as tentativas para conseguir algo sobre a língua iránxe, porque os índios não quiseram comunicar qualquer palavra de seu idioma. Datam de então as primeiras observações etnológicas diretas, assim como as primeiras fotografias (11).

Em 1932, um grupo de homens iránxe chega ao barracão do São João. Daí os Paresí os levam a Utiariti, onde entram em contato amigável com o pessoal da linha telegráfica. Primeiro chegaram alguns Iránxe. Esses foram chamar os outros, que tinham ficado atrás, na linha. Os Iránxe apenas repetiam o que os brancos falavam. Mostraram-se muito satisfeitos por receberem ferramentas. Eram homens, mulheres e crianças (12).

Teodorico Nunes Muniz completa essas informações, narrando ao Pe. Emílio Faure: "Em 1932, provavelmente no mes de junho, apareceram 13 deles, sem armas nem instrumento algum, quasi todos iguais no tamanho (de estatura média como os parecis), bem apessoados, indo em fileiras de 2 com seu principal na frente, andando e parando, saindo e entrando e movendo-se conforme este fazia. Repetiam tudo o que se lhes dizia em português, reproduzindo todos os gestos, sem parecerem compreender palavra alguma. Vinham completamente ao natural sem vestido nem ornato de qualquer espécie; um que outro com alguns fios de barba, a cabeleira cortada em linha reta no cangote." (13).

Em 1930, os jesuítas assumiram a Prelazia de Diamantino, primordialmente por causa dos índios, com sede em Diamantino. Em 1935, decidiram abrir a primeira missão indígena (14). "Tínhamos em vista 3 tribus que moram daquelles lados; os Parecis-Cabixis que vagueiam entre a estação de Capanema e o alto Juruena; os Iranches que moram nas margens do rio Cravary, ao norte da estação de

---

(10) Boletim do Museu Nacional, p. 259, e Revista de la Sociedad cientifica del Paraguay, pp. 37/38. Soubemos do Pe. Dornstauder, tratar-se dos índios Jacó, um irmão dele e Acácio. De fato, o último, conhecemos como um grande chefe, falecido em 1951.

(11) Max Schmidt, Boletim do Museu Nacional, p. 259, e Revista de la Sociedad Cientifica del Paraguay, p. 38.

(12) Fridolino Vieira de Barros, diamantinense, telegrafista de Juruena em 1932, recebeu estas informações de Antônio Bruno Canazoé, índio paresí e telegrafista de Utiariti.

(13) Pe. Emílio Faure, Ms.

(14) Missão de Diamantino, p. 13; Mons. du Dréneuf, carta de 1.º de set. 1935, ao Provincial (Not. Vice-Prov. Br. Central, dez. 1935, p. 207); Pe. Marcelo Renaud, carta 14 junho 1935, a Mons. du Dréneuf.
O Pe. Geral Wladimiro Lédockowski era de parecer que se abrisse a Missão no leste, entre os índios do Xingu. Os consultores da Prelazia, por causa da distância, comunicação, abastecimento, julgaram impraticável esta do Xingu naquele tempo: pensaram numa missão no oeste. (Missão de Diamantino, p. 13; Not. Vice-Pr. Br. Central, dez. 1935, p. 207).

Acervo ISA

Capanema, e afinal os Nhambiquáras, cujas malocas se acham espalhadas nas duas margens do rio Juruena, ao norte e ao sul da estação Major Amarante." (15). "... foi tambem determinado que iriam 2 padres e um irmão com o fim de evitar, em quanto possivel, uma decisão tomada por impressões pessoaes, para que a escolha se fizesse depois de ouvidos e discutidos os varios pareceres dos que estivessem "in loco" e assim houvesse mais acerto da determinação a tomar-se" (16). Tinham pois em mente os índios Iránxe, mas não excluíam os Paresí e os Nanbikuára (17).

"Em Capanema conversei com o Snr. Maximiniano Enoré, telegraphista, Pareci, bastante instruido e por isso muito acatado entre os seus patricios, para saber se havia possibilidade de se abrir um posto de catequese entre os Parecis e os Cabixis; a resposta demorou muito; só veiu quando a abertura da missão do Mangabal já fôra decidida, de modo que esta dos Parecis-Cabixis fica para quando vier mais gente... Em Utiarity tomamos informações a respeito dos indios (Iranches:) mas o unico morador de Utiarity, um certo Amancio, que fôra muitos annos atraz até a aldeia delles, nos disse que se não podiam encontrar; daquella vez chegaram á maloca dos Iranches, mas estava deshabitada: os indios ao presentir (sic) a chegada dos civilizados haviam fugido. Estes indios, muito mansoe (sic), quando visitam os civilisados vem sempre desarmados e como prova de reciproca lealdade exigem que quando se entra no territorio delles se corresponda da mesma forma e se deixem as armas; ora os civilisados não se querem sujeitar a esta imposição; elles então os vão guiando para qualquer logar afora o do seu acampamento e depois de os ter levado á toa de cá e de lá, vão-se esgueirando e os outros que voltem por si mesmos para o logar donde vieram. Não ouve portanto possibilidade de encontrar quem nos quizesse guiar até as musteriosas malocas desses indios; mas lá havemos de chegar." (18).

"Em Utiarity ficaram esperando mais de 20 dias, para ver si chegavam os indios Iranches. De fato, mezes antes, lá tinham elles estado, em um grupo de 7 ou 9. O normal porém, é que appareçam só raramente e com grandes intervallos. Ás vezes até levam annos sem aparecer. Era por tanto muito arriscado esperar mais tempo." (19).

Os jesuítas se decidiram pela sede da missão indígena entre os Nanbikuára, tendo o Pe. Martin como primeiro superior. Em

(15) Not. Vice-Prov. Br. Central, dez. 1935. p. 207.

(16) Ibidem, p. 207.

(17) O Pe. Martin, em carta de 18 de agosto escreve: "Como V. R. sabe, antes de empreender esta minha excursão, tivemos consulta, na qual foi decidido fundar um posto entre os indios Iranches na parte oriental (sic) da Prelazia." (Ibidem, p. 216).

(18) Dréneuf, Not. Vice-Pr. Br. Central, dez. 1935, pp. 209, 210, 211. Em informação oral, o índio paresí Pedrinho descreve: os Iránxe deixavam os arcos e flechas pelo rio Sacre e chegavam a Utiariti só com as caças, para presentes.

(19) Pe. Martin, carta 18 ag. 1935 ao Provincial (Not. Vice-Prov. Br. Central, dez. 1935, p. 217, Mssão de Diamantino, p. 13, nota 1).

Acervo ISA

dezembro de 1935, escrevia o Pe. Bernardo a du Dréneuf: "Se o Pe. Martin deve continuar Superior, será melhor fazer-lhe a vontade e deixá-lo ir aos Iranches." (20).

"Sendo imprestável, em Juruena, a terra para a lavoura, o Pe. Mello não quis fazer derrubada de mato para roça no ano de 1937, sem primeiro procurar melhores glebas além do Sacre, a fim de transferir para lá a sede da Missão, na proximidade dos Iránxe." (21).

Após uma consulta em Mangabal, em junho de 1938, o Pe. Mello, no mesmo mês, investiga as proximidades para além da linha telegráfica, no ponto de entrada para o córrego Paredão (22). No fim do ano "Pe. Mello e Ir. Antonio vão a Utiariti para o Natal e para visitar o Paredão." (23). O índio Paresí Antônio Zaizaé os guiou, mas se perderam e não encontraram o córrego Paredão, devido ao céu encoberto e tempo chuvoso, impedindo a orientação. Andaram um dia inteiro para, de tarde, se encontrarem na mesma cabeceira da partida (24). Passaram nessa busca de 26 a 30 de dezembro (25).

Em princípios de janeiro de 1939, "o Ir. Antônio e o Pe. Melo fazem nova excursão ao Paredão a pé... Acertaram num só dia com a cabeceira delle, tendo encontrado resto de utensilios num rancho recente de Iranxe." (25). Desta feita, foram guiados pela índia paresí Senhorinha e seu neto Antoninho, tropeiro, apelidado Boca Torta (26).

"Como a exploração que fez por lá, fosse negativa, pois não eram melhores as manchas de terra naquelas paragens, Monsenhor deu ordem de abrir roça no Mangabal e de começar a construir residência, para as irmãs, próximas à capela da nossa casa." (27).

No ano de 1941, o Pe. João de Freitas, com a finalidade também de encontrar os Iránxe, fez duas viagens, partindo de Mangabal. "A 22 de Setembro, com 2 índios parecís civilizados, Pedrinho e João Damasceno, empreendí o caminho do Paredão que era o sítio presumido onde se achavam os Iranches para as suas caçadas, nessa época. Aliás o Pe. Melo já tinha ido até la... No dia seguinte, chegamos ao Paredão, onde não vimos nenhum sinal de Iranches. Lá deixamos uns 2 canivetes, 2 caixinhas de fósforos e algumas contas sobre um girau que construimos e cobrimos de folhas de buriti." (28).

Na segunda viagem, depois de mês e meio, tencionava verificar se os Iránxe tinham pego os presentes, mas chegou apenas até meio caminho do Paredão (29).

---

(20) Carta de Juruena.
(21) Dom Alonso, II — A Missão do Mangabal do Juruena, Ms., p. 15.
(22) Diário de D. Alonso, junho 1938; Diário de Juruena, junho 1938.
(23) Diário de Juruena, 24 de dez. 1938.
(24) Informação oral do Ir. Antônio aos autores.
(25) Diário de D. Alonso, 26 de dezembro 1938.
(26) Informação oral do Ir. Antônio aos autores. Também Pe. Faure, Ms.
(27) D. Alonso, II — A Missão do Mangabal do Juruena, Ms., p. 15.
(28) Pe. Freitas, carta, Prov. Br. Central, março 1942, pp. 558/559.
(29) Ibidem, p. 559.

Acervo ISA

Em setembro de 1942, o Pe. João de Freitas atingiu o Cravari, sem encontrar os índios: "Pelas 9 hs. saiu o caminhão, em que foi também o P. João até Utiariti, para uma excursão até a barra do Cravari, aos Iranches." Isso no dia 20 (30). No dia 21, já de outubro, o diário de Juruena aponta: "Chegou pelas 16 hs. o P. João de volta de sua excursão infrutuosa aos Iranches."

Tanto o Pe. Mello como o Pe. Freitas tiveram, pois, a mesma sorte de Max Schmidt em 1928.

Em 1945, os jesuítas transferiram a estação missionária de Mangabal para Utiariti: "Sua situação mais próxima dos Iránxe e dos paresí recomendava a transferência da sede da Missão." (31).

Ainda em 1945, o Sr. João Clímaco, acompanhado dos índios Paresí, Pedrinho e Canazoé, desceu em exploração à região dos Iránxe. O resultado foi dado por satisfatório e se veio a localizar o posto do Serviço de Proteção aos Índios, Major Libânio Coluizorecê, vulgarmente chamado Tolosa (32). A origem deste nome vulgar é desconhecida.

Em dezembro de 1946, 7 ou 8 homens Iránxe aparecem em Utiariti, levados pelo tropeiro do barracão de seringal do Sacre, Henrique de Oliveira, mostrando os machados reduzidos ao olho. Trabalham de uma segunda-feira até quinta, na Inland South America Missionary Union (ISAMU). Convidam o Pe. João Evangelista Dornsfauder para os acompanhar à aldeia (33).

O Pe. Dornstauder não acompanhou os Iránxe à aldeia no ano anterior, mas no dia 23 de abril de 1947, vai ao Paredão ter informação dos Iránxe. Volta no dia 27, a pé, sem ter notícias (34).

Em outubro, o encarregado do Posto Tolosa, Sr. Silvino, leva 7 índios Iránxe a Utiariti, primeiro aos padres e logo depois aos norte-americanos. Os Iránxe tornaram a pedir ferramenta (35). O Pe. Dornstauder escreve no dia 24: "Tentativas para obter palavras, feitas pelos parecís e outros mas sem resultados." (36).

---

(30) Diário de Juruena, 20 set. 1942; Pe. João de Freitas, carta, Not. Prov. Br. Central, dez. 1942, p. 33.

(31) D. Alonso, II — A Missão de Mangabal do Juruena, Ms., p. 19.

(32) Pe. Dornstauder, Ms.

(33) Desde o início do contato dos Iránxe com os missionários da ISAMU e com os jesuítas, foi uma constante o desentendimento entre as duas missões, quanto ao relacionamento com os Iránxe até 1957, quando a ISAMU se afastou, de Utiariti. Os Iránxe se viram entre dois polos de atração, tirando vantagem disto algumas vezes. Em plano de pessoa, os Iránxe acharam bons uns e outros. Capitão Tãmuxi: "Todos bons — padre bom, Roberto bom, tudo bom." (Pe. Dornstauder, Ms.) Entre o SPI e os jesuítas deram-se alguns desentendimentos também, logo superados. "Já no Sacre recebiam alguma coisa. Mais ainda aqui. Mas o grosso iam receber no Posto. Da parte deles, a visita era interesseira. Mostraram por outro lado certa confiança nos civilizados, não parecendo, no entanto, que eram capazes de fazer diferença entre os grupos de pessoas, que procuraram agradar-lhes." (Pe. Dornstauder, Ms.)

(34) Diário de Utiariti, dias 23 e 27 de abril de 1947.

(35) Ibidem, 24 out. 1947.

(36) Pe. Dornstauder, Ms.

Acervo ISA

Os Iránxe dessa vez insistiram para que os acompanhassem: "Inequivocamente (sinais pegando na mão e puxando, etc.) convidaram já a um, já a outro (a mim, e ao Ir. José e aos outros Irmãos) de ir com eles até à maloca, e, parecia, o capitão dizer que traria de volta... Não poude aceitar o convite e acompanhá-los, por me encontrar sozinho. Dos Irmãos nenhum podia ir, dada à disposição dos superiores. Era uma "ocasião" **perdida.** Mas a perda é motivada, e não é irreparável; até aparecem vantagens, em não ir em primeiro lugar (37).

Os seringueiros da Companhia Seringueira Utiariti exploraram a região do Cravari. O Sr. Melo tentava obter um procedimento pacífico, caso os seringueiros encontrassem com os Iránxe (38). Henrique de Oliveira iniciou a exploração do seringal do Cravari, com os índios Paresí Zazo, Pedrinho e Machadinho (39). Em dezembro, foi mais uma vez (40) os seringueiros que atingem efetivamente uma maloca dos Iránxe (41).

No dia 2 de março de 1948, chegam a Utiariti 6 homens Iránxe com um menino de 8 a 10 anos (42). Nesse mesmo mês, o pastor Roberto Meader chega à aldeia conhecida dos Iránxe (43). Não sabemos os pormenores dessa excursão de Meader. "Mr. Roberto, cronològicamente foi o primeiro a visitar uma das malocas; sua ação se desdobrou principalmente em 1951, aproveitando a nossa falta de recursos e remédios, e tambem nessa ocasião o caso da mortandade na turma do Acácio, atribuído por alguns deles à feitiçaria do "padre". (4).

Em maio, o Pe. Roberto Bannwarth, o Ir. Carlos Luis de Freitas e o índio paresí Zazo chegam também aos Iránxe. É a primeira vez que os jesuítas penetram numa aldeia dos Iránxe. Os dois jesuítas descrevem longamente a viagem e a estadia entre os índios. 15 Iránxe os acompanham até Utiriati (45), assistindo à procissão do Corpo de Deus, no dia seguinte ao da chegada (46).

No dia 15 de junho, o Pe. Dornstauder escreve: "3.ª feira. Ao meio dia chegam 1 iranche e 2 moços e 2 meninos... Começam a compreender o sentido de alguma pergunta, e aprendem algumas palavras." (47).

---

(37) Ibidem, 24 out. 1947.
(38) Pe. Dornstauder, Ms.
(39) Moura, Pesquisas 1957, p. 145.
(40) Mais uma vez, pois Rondon historia os primeiros contatos.
(41) Ir. Freitas, carta. Ecos do Norte do Brasil, maio 1948, p. 306.
(42) Diário de Utiariti, 2 março 1948.
(43) Pereira, Rev. de Antropologia, vol. 12, n.ºs 1 e 2, p. 105.
(44) Not. Prov. Br. Central, out. 1953, p. 75.
(45) Freitas, carta. Ecos do Norte do Brasil, maio 1948, pp. 305-309; Pe. Roberto Bannwarth. Not. Pr. Br. Central, set. 1948, pp. 50-54; Idem, Mensagem, pp. 15-19; Diário de Utiariti, 17 maio 1948.
(46) Ir. Freitas, Ecos do Norte do Brasil, maio 1948, p. 309; Diário de Utiariti, 25, 27 e 29 de maio 1948.
(47) Pe. Dornstauder, Ms. 15 junho 1948.

Acervo ISA

Até julho de 1948, os Iránxe fizeram 6 visitas a Utiariti. Pediram ferramenta e proteção contra os Beiço-de-Pau e foram bem acolhidos por todos (48).

No dia 1.º de agosto, o Pe. Roberto Bannwarth e o Ir. Carlos Luis de Freitas tornam a rumar para a aldeia iránxe, acompanhados do índio paresí Zazo. Na ida, encontram um grupo de homens e mulheres iránxe, aquém da cabeceira do Meio. Os Iránxe iam para Utiariti, fugindo dos Beiço-de-Pau. O Pe. Roberto e Zazo voltam a Utiariti com todos os fugitivos menos um, companheiro do Ir. Carlos. Chegaram a Utiariti a 3 de agosto. O Ir. Carlos, acompanhado do índio iránxe Inácio, voltou ao Cravari, para se encontrar com os Iránxe dispersos por causa dos Beiço-de-Pau. No rio Cravari, sem ter alcançado as aldeias, o Ir. Carlos se separa de Inácio e volta sozinho para Utiariti, onde chega no dia 6 de agosto (49).

No dia 8 aparecem em Utiariti alguns índios iránxe pedindo ao Ir. Freitas que volte ao pouso do rio Cravari, pois lá estava esperando um velho iránxe doente, carregado até lá nas costas. "Como nesses dias tinha chegado o caminhão de Diamantino, foi em meu lugar o Pe. João e quatro índios no caminhão por uma estrada antiga. Mas como não puderam passar em um pontilhão, porque estava já velho, voltaram para trás até ao Sacre, e tomando aí um cavalo, continuaram a viagem e o caminhão voltou para Diamantino. Três dias depois apareceram os índios e as índias carregando suas cabaças, redes e filhinhos, e o P. João com o doente que trouxera ora a cavalo ora às costas; todos vinham mortos de fome e cansaço, pálidos e desfigurados. O Padre vinha descalço e tão abatido que ele é que parecia o enfermo, pois havia três dias que só comia um pouco de mel e água." (50).

O Pe. Roberto Banwarth telegrafou para o provincial e este foi ter com Rondon, para alcançar auxílio na calamidade iránxe (51). O provincial respondeu, anunciando providências (52).

O Ir. Freitas foi cuidando do Iránxe doente recém-trazido. "Logo comecei a fazer os curativos ao doente; mas a sua extrema fraqueza pareceu-me que dificilmente arribaria mais. De fato no dia 15 de Agosto, pela manhã, pareceu-me moribundo. Fui chamar o padre que o baptisou às 11 horas (53); passou a tarde mal e às 7 e meia

(48) Idem, Ms.

(49) Ir. Freitas, Ecos do Norte do Br. ag. 1949, pp. 325-328; Pe. Bannwarth, Not. Pr. Br. Central, set. 1949, pp. 85/86; Pe. Dornstauder, Ms, 8 ag. 1948; Diário de Utiariti, 1 e 6 ag. 1948; Diário de Diamantino, Resumo, 6 ag. 1948.

(50) Ir. Freitas, Ecos do Norte do Br., ag. 1948, p. 329; Pe. Dornstauder, Ms., 1 de ag. 1948; Diário de Utiariti, 8 ag. 1948; Diário de Diamantino, Resumo, 9 ag. 1948: o caminho saía da curva do córrego São João da linha telegráfica.

(51) Pe. Bannwarth, Not. Pr. Br. Central, set. 1949, p. 86.

(52) Telegrama do Provincial, Pe. Arthur Alonso, ao Pe. Roberto: "General Rondon tomou providências e envirá (sic) mantimentos recebendo agradeçam." (Rio de Janeiro, 3 ag. 1948).

(53) Deu-lhe o nome de Benedito (Pe. Dornstauder, Ms.).

Acervo ISA

da noite morreu. . . . Foram-me chamar para ver o que eles queriam fazer do cadáver. Depois de suas explicações compreendi que queriam enterrá-lo alí perto do rancho, para fazer em cima da sepultura um rancho para o chefe morar e guardar que os inimigos (os beiços de Pau) não o viessem desenterrar. Esforcei-me por lhes fazer compreender que não era preciso, mas que devia ir para o cemitério comum, pois ele já era Coraí de Jesus (amigo), e como tal devia ir para lá. Mas. . . nada. Foi preciso levar o chefe e mais dois ao cemitério às 9 horas da noite, e lá pude-me fazer entender. A (sic) assim quando chegamos, ele, o chefe explicou aos outros o que tinha entendido, e todos se conformaram. E assim não tocaram mais no defunto." (54).

No dia 19 de agosto, o Pe. Roberto, acompanhado de Zazo, vai ao Posto Tolosa buscar mantimento, fiado num telegrama do Pe. Teodoro (55). O Serviço de Proteção aos Índios, no dia 25 de agosto, pela Inspetoria de Cuiabá, manda recolher ao Tolosa, os 64 Iránxe que estavam em Utiariti (56).

"Avisadas as autoridades, elas ordenaram a transferencia ao Posto. Desejávam, por razões graves, esperar até a chegada do Dr. Benjamim, que era anunciada. Interpretou-se (Aristides, Silvino) nossa atitude, como oposição à transferencia. Quando veio, o Dr. Benjamim foi esclarecido, e ao que parece, se deu por satisfeito." (57).

Os Iránxe é que não desejavam ir para o posto Tolosa: "As razões eram doenças (gripe, maleita, febres), abatimento, indisposição da maioria por não ver razão da mudança, apêgo a Utiariti, exigências, como condição indispensável, como assim se exprimiam: "Caminhão, calabina!" As razões que mais moveram os Iranche a se mudarem para Tolosa foram: "O padre vai junto; o "Cuiabá-capitão" virá ao posto." (58).

O Diário de Utiariti, no dia 29 de agosto, assinala: "Sairam hoje todos os Iranches para o Posto Tolosa. Acompanhou-os o Snr. Silvino e o Pe. João. Eram 63 pessoas."

Por um tempo "os que iam da maloca a Utiariti, depois da transferência eram encaminhados ao Posto e se não queriam, eram despedidos, pois em Utiariti minguaram os recursos de vida." (59).

---

(54) Ir. Freitas, Ecos do Norte do Brasil, ag. 1948, p. 329. Benedito foi enterrado no cemitério da linha, cerca de 600 metros do rio Papagaio, pela margem direita.

(55) Telegrama do Pe. Teodoro, secretário do arcebispo de Cuiabá, de 16 ag. 1948: "Doutor Duarte autorizou Posto fornecer necessário"; Diário de Utiariti, 19 ag. 1948.

(56) Telegrama do Dr. Benjamim Duarte Monteiro, inspetor, em 25 de ag. 1948: "Padre Teodoro me transmitio (sic) vg em vosso nome vg ocurrencias sobre indios Iranches pt Dei Instruções encarregado posto Major Libanio para conduzir referidos indios que serão mantidos com recursos de elementos para manutenção indios pt Confio vossa cooperação afim de que tudo corra normalmente pt Sds.".

(57) Pe. Dornstauder, Ms.

(58) Idem: "Não aduzo a **razão subjetiva** de eles, rapidamente, haverem tomado gôsto pelo lugar, e trato que lhes demos.". Ms.

(59) Idem, Ms.

Acervo ISA

Entretanto, o Pe. Dornstauder, depois de acompanhar a transferência para o posto Tolosa, faz um reconhecimento de terras dos índios Iránxe, acompanhado apenas do Iránxe Pedro (60). Depois de voltar ao Tolosa, retornou a Utiariti, acompanhado do Sr. João Clímaco, encarregado do Posto, chegando no dia 26 de setembro (61).

Por esse tempo, o Pe. Dornstauder compôs o primeiro vocabulário da língua iránxe (62).

Informa o Diário de Utiariti, em 12 de dezembro: "Chegam Iranches, alguns da turma do Acácio, e alguns da turma do Antônio que está no Posto; ao todo 30 pessoas.". Completa no dia 26 do mesmo mês: "Foram embora os Iranches, alguns à maloca, outros ao posto. Deixaram dois meninos, Armando e Alípio." Era o princípio do internato iránxe. Entretanto, os dois índios, como todos os outros, que vieram depois, não se adataram nunca, devido ao regime do horário e trabalho (63).

Este ano de 1948, além das mencionadas, aconteceram visitas de Iránxe a Utiariti. Começou um movimento entre aldeia, posto Tolosa e Utiariti, dos índios, padres e protestantes.

Em janeiro de 1949, estava no posto Tolosa apenas uma família (64). Em 17 de abril, todos os Mùnkù, também os de Tolosa, voltam ao Cravari (65).

"Situação atual dos Iranxes (maio 49) — 1. S.P.I. Pretende assumir administração exclusiva da tribu. Sua ação, até agora foi indecisa e insuficiente. Objetivo principal: recolhel-os em lugar, onde possam estar ao abrigo dos Tapanhumas (Dr. Benjamim). Falou-se da mudança do Posto em maio de 49. Indecisão no pessoal da Inspetoria, **si** seria melhor trazel-os mais perto dos civilizados, e da zona de recursos (Climaco, Silvino. . .) ou então **si** será necessário aproximar-se mais deles. Obs. Talvez nem mude o Posto, ou então só de 2 km, ou 2 a 3 leguas. Alguns falam tambem do Paredão" (66).

Na indecisão de se mudar o posto, começou a ineficiência de Tolosa (67). O Pe. Dornstauder então decide fundar uma casa-capela numa aldeia iránxe, com a principal preocupação de intensificar a

(60) O índio iránxe disse que só o levaria, se o padre deixasse os Paresí no posto. (Pe. Dornstauder, Ms.).

(61) Pe. Dornstauder, Diário Resumo, 24 e 26 set. 1948; Diário de Utiariti, 26 set. 1948.

(62) Pe. Mello, carta ao Pe. Dornstauder, 13 out. 1948.

(63) "Os dois meninos não se ageitam facilmente ao nosso modo de vida: nem a comida horas certas, trabalho algo prolongado, etc. Tem aula todos os dias de instrução primária, e catecismo." (Diário de Utiariti, 2 jan. 1949). "Foram embora os Iranches, levando os dois meninos: Armando e Alípio, que vão com "saudades" da maloca." (Ibidem, 9 jan. 1949); Diário de Diamantino, Resumo, 6 a 8 jan. 1949. Cfr. Diário de Utiariti, 31 ag. 1949.

(64) Pe. Dornstauder, Ms.; Diário de Utiariti, 25. jan. 1949. "Parecis do Posto, especialmente Pedrinho. Simpatizam muito com eles. Sem eles, os Iranxes, talves, não teriam permanecido tanto tempo no Posto." (Pe. Dornstauder, Ms.).

(65) Pe. Dornstauder, Ms. Missão Volante 1.ª folha.

(66) Pe. Dornstauder, Ms.

(67) Pe. Bannwarth, Not. Pr. Br. Central, set. 1949, p. 84; Diário de Utiariti, 14 nov. 1949.

Acervo ISA

catequese iniciada já dos primeiros contatos dos jesuítas. Assim aprenderia a língua, quebraria a desconfiança, conheceria a cultura mùnkù. Assim, no dia 5 de julho, parte de Utiariti, com Zazo, a fim de marcar o lugar da casa-capela, conforme anota o diário de Utiriati. Escolhe a aldeia de Acácio, por estar mais abrigada dos Beiço-de-Pau, denominando-a Imaculado Coração de Maria (68).

De 2 de julho a 3 de agosto, o Dr. Kalervo Oberg foi recebido em Utiariti prazenteiramente, mas sendo dissuadido de estudar os Iránxe, por não ser oportuna a ocasião (69).

O Pe. Dornstauder noticia em 26 de setembro: "Acusam o pessoal do Propício haver assassinado 6 pessoas: capitão Vitorino, o irmão dele, mais outro e uma mulher; um certo Matias e seu filho Ambrósio".

Em 1950, Eny Coelho, encarregado do Tolosa, informa ao Rio de Janeiro que o Pe. Dornstauder fazia grandes roças na aldeia dos Iránxe, levantou uma casa e se demorava entre os Ilánxe mais tempo do que a lei permitia. O Rio urge a lei que proibia a permanência de estrangeiros mais de que três dias entre os índios. O Pe. Dornstauder se justifica dizendo: 1.°, de fato levantou uma casa-capela e ajudou os índios a fazer grandes roças, em outubro de 1949; 2.°, isto foi interpretado como se quisesse afastar os Mùnkù do posto, quando na realidade os incentivava a irem ao Tolosa e disso os mesmos índios eram testemunhas; 3.°, era invenção dizer que pretendia fazer grandes roças para si, pois eram em proveito exclusivo dos índios; 4.°, a casa era para a conveniência do sacerdote e a capela destinada ao culto. O encarregado se deu por satisfeito com a explicação do padre e se restabeleceu a confiança mútua (70).

Neste ano, a Companhia Seringueira Utiariti colocou seringueiros até perto de uma roça de Mùnkù, na margem esquerda do rio Cravari e explorou a margem direita. Os índios mais tarde informaram de atritos e abusos de mulheres (71).

"A turma de Acácio entregou-nos 5 creanças. Aos poucos voltaram a maloca. . . . Mas foi um começo promissor. Para rete-los por mais tempo, se faz mister criar um estagio de adaptação na escola e no internato. Na maloca, o dia inteiro fazem o que querem; quase

---

(68) Pe. Dornstauder, carta, 15 ag. 1953. Not. Pr. Br. Central, out. 1949, pp. 413/414; Idem, Ms. 5 junho a 5 julho 1949; Diário de Utiariti, 13 maio 1949.

(69) Diário de Utiariti, 16 julho 1949; Pe. Dornstauder, Ms. Baldus opina sobre o trabalho de Oberg: "Em diagramas (pp. 112-123), coordena a nomenclatura de parentesco dos Kamaiurá, Auetí, Bakairí, Kalapálo, Kuikúru, Waurá, Iwalapetí, Paressí, Trumaí, Guató, Boróro, Umutina, Nambikuara e Iranxe, portanto de 14 tribos, fato estranhável se considerarmos que o autor teve só contactos muito ligeiros com a maior parte das mencionadas tribos, chamando ele mesmo a atenção para as dificuldades que tiveram em entender-se.". (Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira, Vol. II, p. 514, sob o n.° 2465. Oberg escreve: "This we found to be very difficult, as the Iranxe spoke no Portuguese and the missionaries had not yet learned enough Iranxe to make working with informants possible." (p. 84).

(70) Not. Prov. Br. Central, junho 1951, p. 35.

(71) Pe. Dornstauder, Diário, Resumo.

Acervo ISA

sempre estão a cata de alguma cousa para comer; os pais os animam em extremo: tudo em flagrante oposição com a vida regulada por um horário. Mesmo si não faltar comida, sempre estão com a sensação de fome, por lhes faltar o acostumado." (72).

Em fins de 1950 e princípios de 1951, irrompeu a coreana na aldeia e os Iránxe atribuíram a causa ao Pe. Dornstauder (73). Correu mesmo voz, levada a Utiariti pelo capitão Antônio, que Acácio tinha, em represália, desacatado o crucifixo da casa-capela e mais boatos (74). Pedida uma palavra definitiva a respeito do episódio, o Pe. Dornstauder, em junho de 1974, esclarece: Acácio apontou umas flechinhas mágicas contra o crucifixo e o mais foi boato.

Em 1951, recrudescem velhas rixas entre as aldeias do capitão Acácio e dos capitães Antônio e Canuto. Dizem que Acácio feriu Canuto. Acácio aproveitou a oportunidade para mandar embora de sua aldeia os queixosos de suas mulheres e os que só comiam mandioca sem trabalhar. "Mulheres, mandioca e invasão do território de caça, pesca e mel alheio são ordinariamente as causas de suas brigas." (75). Em junho, outra epidemia surgiu na aldeia de Acácio, atribuída pelos Mùnkù a diversas influências. Morreram 11 índios da aldeia do Acácio, inclusive o Capitão. Os restantes abandonaram a aldeia em busca de recursos. Com a aldeia, acabou a casa-capela (76).

Em 1952, o barracão da Companhia Seringueira Utiariti, situado no Cravari, passado para os Spinelli, queimou-se (77).

Em 1953, a maioria das crianças em idade escolar está no internato de Utiariti e já são batizados (78).

No dia 1.° de julho, o Pe. Dornstauder parte de Utiariti, voltando no dia 18, realizando a visita de quase todas as aldeias dos Mùnkù, conseguindo passar por todas as que se relacionavam com os brancos. "Foram visitadas e são conhecidas tôdas as malocas de índios Parecis, Iranxes (afora uma)." (79).

Com esta, os jesuítas completaram 13 excursões aos Mùnkù: 4 antes e 9 depois da transferência de Utiariti para Tolosa (80).

"O território deles são as margens do Cravari, estendendo-se muito mais no lado E que na margem W; nessa margem parece só vivem para caçar e pescar (81). Tornou-se o Pe. Dornstauder o maior conhecedor do território Iránxe." (82).

---

(72) Pe. Dornstauder, Ms.
(73) Moura, Pesquisas 1957, p. 294; Pe. Dornstauder, Not. Pr. Br. Central, junho 1951, p. 36.
(74) Pe. Dornstauder, Ms.
(75) Idem.
(76) Moura, Pesquisas 1957, p. 147, 294.
(77) Pe. Dornstauder, Diário, Resumo.
(78) Pe. Dornstauder, carta de 15 ag. (Not. Pr. Br. Central, out. 1953, p. 75).
(79) Ibidem, p. 74; Moura, Pesquisas, 1957, pp. 147-149.
(80) Pe. Dornstauder, Diário, Resumo. Em Ms. também diz: "Visitados 12 vezes desde 1948; em Utiariti 16 vezes."; Not. Pr. Br. Central, out. 1953, p. 75.
(81) Idem, Diário, Resumo.
(82) Pereira, Rev. de Antropologia 1965, p. 105.

Acervo ISA

Ao todo, pois, os jesuítas conheceram cinco capitães e seis aldeias, uma vez que o capitão Antônio tinha duas: Acácio, situado ao sul da passagem do Cravari pelo Barracão Queimado; Canuto, ao norte de Acácio e da passagem do Cravari; Antônio, ao norte de Canuto; José, ao norte de Antônio; Antônio João, ao norte de José. Rumando-se para o Norte, acompanha-se em descida o rio Cravari (83).

Em 1954, grande contingente de Iránxe se transporta para Utiariti. A razão da migração foi a presença dos Beiço-de-Pau nas proximidades das aldeias do Cravari (84). Algumas famílias, alternando-se, moram no sítio Frei Manoel, da Prelazia de Diamantino, próximo a Diamantino. Sobretudo os recém-casados vão a Frei Manoel. Os Iránxe idos a Frei Manoel desenvolvem um relacionamento com a população de Diamantino e um deles adquiriu terra na fralda da bocaina do rio Diamantino, próxima à cidade, na margem esquerda do rio, e possuiu duas vacas.

"Também desta data em diante se pode dar por encerrada a vida tribal nativa e espontânea dos Iránche, sem a intervenção de elementos de aculturação civilizada branca, brasileira ou norte-americana." (85). Três famílias permanecem na margem esquerda do rio Cravari, enquanto a força viva dos Iránxe vive na missão dos jesuítas em Utiariti, onde os mais novos se alfabetizam.

Os norte-americanos abrem um campo de aviação entre as duas aldeias iránxe no Cravari.

Em 1956, João Viegas, encarregado de Tolosa, intervém no internato de Utiariti, mandando que os Iránxe se transferissem para o Posto Tolosa do S.P.I., destinado a eles. Os índios se dispersaram e aos poucos retornaram a Utiariti.

Em 1962, irrompe no Cravari um surto de tifo complicado com sarampo. Apesar dos esforços dos missionários de Utiariti em atendê-los, morreram 4 adultos e 1 criança. Nessa ocasião vão todos para Utiariti (86).

Em 1968, entretanto, as três famílias se mudam da beira do Cravari para as cabeceiras do córrego Robafo, próximo ao Paredão, e denominam essa nova aldeia de Uaporé. Mudaram, porque o padre Henrique, Superior de Utiariti, disse que as terras do Robafo eram melhores e mais próximas de Utiariti. E os Iránxe viram também que aí ficavam mais longe dos Beiço-de-Pau. Aqui também os norte-americanos abrem um campo de aviação, usado, ao que se sabe, apenas uma vez, sofrendo o avião um pequeno acidente.

Logo uma cisão divide as três famílias do Uaporé, permanecendo ali o capitão José. Os demais foram morar mais para baixo, no mesmo córrego.

---

(83) Dornstauder, croqui, publicado por Moura em Pesquisas 1957, p. 176.
(84) Pe. Edgar Schmidt, carta ao superior, 7 maio 1954.
(85) Moura, Pesquisas, p. 152.
(86) Pe. Arlindo Oliveira, carta ao Pe. Adalberto, 17 março 1963.

Acervo ISA

Entrementes, a missão de Utiariti se resolvia a processar a volta de todas as tribos aos seus "habitat", julgando atender a melhores princípios de educação indígena, assistindo-as nas aldeias. Os Iránxe se surpreenderam com a atitude da missão e se ressentiram. Alguns se aproveitaram de atritos com os missionários, para se retirarem. Esses índios foram atendidos pelo Capitão José, na aldeia do Uaporé. Nos desabafos, se dividiam: uns contra e outros a favor dos missionários. Diziam todos que os missionários deviam facilitar a ida dos patrícios remanescentes em Utiariti, no prazo mais curto possível. Esses restantes foram indo aos poucos para o Uaporé. Ficou em Utiariti apenas um Iránxe, motorista da missão.

O sistema de educação em Utiariti criou para o Iránxe a necessidade de patrão. Agora procuravam-no na fazenda São Paulo Cravari. Também levaram para o Uaporé as mudanças operadas em Utiariti nos planos sócio-religioso-econômicos.

Desde a saída dos Iránxe de Utiariti, os jesuítas procuram assegurar-lhes terra, por uma lei. Recorrem à FUNAI e assim nasce o Decreto n.º 63.368, de 8 de outubro de 1968: "f.) à tribo dos Irantxe, a área limitada pela margem esquerda do Rio Cravari da Foz do córrego do Paredão até suas cabeceiras; daí por uma sêca até as cabeceiras do córrego Grande, descendo por êste até sua foz no rio Cravari;" (87).

Em 1970, a gleba Agropecuária Membeca começa a cortar a reserva Iránxe com uma estrada. Os missionários noticiam à 5.ª DR da FUNAI. O delegado regional Sérgio João do Amaral Fernandes, no dia 7 de outubro, telegrafa ao Pe. Henrique Fröhlich: "Acordo ofício V. S. vg. autorizo embargar prosseguimento estrada dentro area posto indígena pt.". E no dia 12 de outubro, por carta ao mesmo Pe. Henrique, confirma o embargo.

No dia 15 de março de 1971, a Ir. Maria Luiza (88) se fixa na aldeia do Uaporé, dando assistência sanitária, escolar e orientação higiênica.

Em agosto, a FUNAI fecha o posto Major Libânio Coluizorecê, por estar se transformando em cabaré para os motoristas, sendo um índio Paresí o responsável na ocasião. Tolosa é "ponto de passagem do movimento de Iranxes e Canoeiros, e de seringueiros no Cravari, Noronha, Papagaio e Juruena". (89). Fechando Tolosa, a FUNAI começa a abrir um posto para os Mùnkù. No dia 3 de agosto, o chefe da 5.ª DR, tenente Sérgio Fernandes; o futuro encarregado do posto, Gilberto Rosa; um empreiteiro, Sr. Camilo; mais um jovem agrônomo, vão à aldeia do Uaporé. Daí seguem 13 km mais abaixo, ao local onde já moravam alguns Iránxe, situado acima da barra do córrego

---

(87) Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio, p. 26, 1968, Brasília.

(88) Esta Ir. inaugura a história da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição a aplicar irmãs a viverem sozinhas entre os índios, juntamente com a Ir. Rogéria B. Inês, entre os Paresí.

(89) Not. Pr. Br. Central, out. 1953, p. 76.

Acervo ISA

Robafo com o rio Cravari. Aí ficou o empreiteiro para dar início aos trabalhos. As conduções para os serviços foram fornecidas gratuitamente pelos missionários jesuítas (90).

No dia 24 de setembro, o avião da missão sobrevoa a região do Paredão, a pedido dos Mùnkù, a fim de facilitar a descoberta de índios desconhecidos na margem esquerda do Cravari. Gilberto Rosa trabalhava no reconhecimento da reserva Mùnkù e mais tarde anota: "A exploração no Paredão e Cavari revelou muitos traços de índios andando só no Paredão. Inclusive ouvimos gritos mais ou menos a meio dia de viagem (balsa) da barra, descendo o rio.". (91).

Cinco dias depois do sobrevôo, a Ir. Maria Luíza escreve: "Os irántxe estão num estado de revolta com a criação deste bendito Pôsto que não tem jeito. Como alguns se revoltaram com as compras e com a não vinda do avião no dia pedido, que eu disse a êles vocês tenham paciência que no fim do ano acaba o compromisso da Missão com vocês e a FUNAI assume tôda responsabilidade material e que minha permanência entre vocês é incerta. Daí então a coisa mudou de aspecto. Valorizaram a presença dos Padres e das Irmãs e estão dispostos irem até Cuiabá reclamarem com o coronel. Disseram que os Padres e as Irmãs só gostam dos outros índios e por isso agora vão deixá-los depois de 20 anos. Expliquei que você desde o início da fundação do Pôsto escrevêra ao Presidente da FUNAI perguntando se a nossa presença no Pôsto continuará ou não, mas até agora não vieram e se os Padres e Irmãos não gostassem dêles, não atenderiam até o fim do ano. Pedi-lhes que tivessem calma e que esperassem até o fim do ano para ser resolvida a questão. Que nada! Querem ir a Utiariti, não deixei, porque tenho certeza de que você lendo esta virá logo que puder. Pense que estou só no meio desta revolta e confusão. Você sabe como êles são bravos! . . . Só nesta revolta e confusão não me sinto de continuar aqui, sou franca." (92).

E a respeito do Posto da FUNAI escreve: "O Barracão do Gilberto quando estive lá dia 10 — só tinha a 4.ª parte de um saco de arroz e nada mais. Cada vez os irántxe ficam mais exaltados, não só contra a FUNAI mas também contra nós. . . . Já estou cansada de ouvir reclamações. Por um lado seria bom que a Funage — como dizem êles — assumisse. Queria ver o osso duro que iriam roer. Coitados! Tenho dó dêles, pois se encontram num ambiente confuso." (93).

---

(90) O toyota da missão fez 14 viagens a serviço da construção, perfazendo 1.536 km. O trator realizou uma semana de trabalhos e fez duas viagens expressas para atender doentes. Durante a construção, a Missão Anchieta forneceu o necessário para os índios, em mantimentos, escolas e remédios. Também hospedou algumas vezes em Utiariti o pessoal da FUNAI. (Pe. Thomaz, Relatório das atividades, viagens, providências, hospedagens e demais ocorrências, durante a tentativa de Instalação do Posto Indígena Irántxe).

(91) Gilberto Rosa, carta ao Pe. Thomaz, 30 set. 1971.

(92) Ir. Luiza, carta ao Pe. Thomaz, 29 set. 1971.

(93) Ir. Luiza, carta ao Pe. Thomaz, 15 nov. 1971.

Acervo ISA

O Prof. Ney Land, vindo de Brasília, após os trabalhos de inspeção da área de influência da Missão Anchieta, dirime as questões relativas ao Posto da FUNAI:

"Estivemos nas três aldeias de Índios Irantxe, situadas na margem esquerda do rio Cravari. Lá tivemos a oportunidade de encontrarmos o Chefe do PI Irantxe Gilberto Cardoso da Rosa, jovem formado pelo 2.° Curso de Indigenismo e um grande trabalhador. O PI Irantxe está situado a 650 km de Cuiabá, sem a menor possibilidade de comunicação, nem mesmo a rádio. Os índios, que se encontravam sob a orientação da Missão, deixaram de fazer suas roças na época própria, para ajudarem na construção da sede do PI. Ao chegar o mês de novembro, faltando ainda a cobertura de algumas paredes da sede, o dinheiro destinado ao PI foi recolhido pela ASTEC e os índios voltaram apressados, tentando chegar a tempo ainda de prepararem a terra para as roças. Com isso aumentou o descrédito do índio para com a FUNAI e o Chefe do PI ficou em situação difícil. Conforme entendimentos com o Cel. Olavo, opinamos para que passem os índios Irantxe aos cuidados da MIA como estavam antes." (94).

No dia 24 de fevereiro de 1972, chegam os primeiros voluntários da Operação Anchieta (OPAN), para se fixarem entre os Iránxe.

Em junho, pega fogo em 4 casas e dois galpões do Uaporé. Como a água ali era insuficiente e algumas famílias já moravam no local do Posto da FUNAI, agora fechado, aproveitaram a ocasião da queima, para se mudarem para a nova aldeia, chamando-a Posto Areia. Os voluntários da OPAN acompanharam os Iránxe.

Em agosto de 1973, a OPAN mudou de método de trabalho e passou a uma assistência intermitente, com sede em Utiariti.

1.2. **Mùnkù e Beiço-de-Pau.**

Ao procurar os Mùnkù do Cravari, numa de suas viagens em 1941 e 1942, o Pe. Freitas tinha intenção também de chegar até os Beiço-de-Pau (95).

Em 1946, pela primeira vez os Iránxe aparecem em Utiariti, depois de 1932. O motivo é que foram acossados pelos Beiço-de-Pau: "No momento em que a tribu dos nambiquara passava por uma fase de agonia, emerge, de repente, do seu retraimento obstinado, a dos Índios Iranches. Acossados por seus seculares inimigos, os Tapanhumas, ou Beiços de Pau, e com falta de ferramenta, vieram em visitas repetidas a Utiariti dêsde fins de 1946." (96).

Em 1948, na primeira viagem do Pe. Bannwarth e Ir. Freitas, em maio, os Iránxe contam: "tempos atrás, foram atacados por índios selvagens que os frecharam (mostraram-nos as cicatrizes nos braços, no peito, no dorso), ..." (97).

(94) Ney Land, Relatório de Viagem..., p.. 10.
(95) Pe. Mello, carta. Not. Pr. Br. Central, março 1942, p. 557.
(96) Pe. Dornstauder, Not. Pr. Br. Central, março 1949, p. 149.
(97) Pe. Bannwarth, carta. Not. Pr. Br. Central, set. 1948, p. 52.

Acervo ISA

Na viagem de agosto do mesmo ano, os dois missionários encontraram, já antes de chegar ao Cravari, Iránxe fugindo dos Beiço-de-Pau: "Eis senão quando, chegando as margens do Paredão, encontramos um grupo de índios, que nos dão a entender que tinham sido atacados pelos Beiços de Páu, ou Tapanhumas, e que todos tinham fugido em várias direções. Nessas condições decidimos voltar para casa em companhia dos Bugres, á espera dos demais, que certamente, viriam refugiar-se em Utiariti. É o que, de fato se deu." (98). "Não traziam massa, o que parece sinal que Ticôre estavam ocupando a maloca, como de fato, afirmaram, levaram consigo os doentes. 1 morreu no caminho, talvez eram 2 ou 3. 1 morreu em Utiariti, aonde chegam com muito trabalho. 1 morreu no Posto. E logo mais outro, que viera de outra maloca." (99). Os Mùnkù culparam os Beiço-de-Pau pela morte, em Utiariti, do índio Benedito (100).

Por ocasião da transferência dos Mùnkù de Utiariti para Tolosa, Benjamim Duarte Monteiro, chefe do S.P.I., telegrafa aos padres de Utiariti: "Inpossibilitado (sic) neste momento vg de me ausentar da séde vg e estando minha viagem dependendo de autorização da Diretoria vg acertando encaminharmos imediatamente Iranches para o posto Major Libanio vg até que eu possa chegar ahi afim escolhermos local em que índios possam ficar a salvo ataques Tapanhumas Pt Renovo as expressões de minha confiança em vossa colaboração vg afim que esta providencia se processe em ordem conpleta (sic) harmonia pt Sda Benjamim Duarte Monteiro Chefe SPI" (101).

Sentindo dificuldades em se transferirem para Tolosa, os Mùnkù exigiram para si caminhão e arma de fogo, para se defenderem dos Beiço-de-Pau (102). Assim, um dos critérios da escolha do local da casa-capela Imaculado Coração de Maria, posta acima do salto do Cravari, foi estar abrigada dos Beiço-de-Pau (103).

Parece que o último ataque dos Beiço-de-Pau aos Mùnkù se deu em 1954: ". . .Trata-se do caso dos Iranches. Já por mais tempo o "Parenti" os quis buscar a todos e esta vez até deixou o Afonso França quebrado, dando preferencia a ida ao Cravary. Foi de fato, e pelo que dizem foi até Porto Feliz. Levou os Iranches todos a passeio. . . . Tinham grande interesse nisso. Aconteceu porem que os Beiços de Pau voltaram. Quando depois de nossa partida eles foram enterrar os mortos, encontraram muitos rastos, que dizem ser muito grandes. Encontraram os mortos sem cabeças. Eles supõem que estas os Beiços de Pau as levaram, baseados em certos indícios. O Capitão parece até que chegou ao ponto de os espiar e enviar-lhes algumas flechas. Apavorados pela doença, pelos inimigos, acossados pelas

(98) Idem, ibidem, set. 1949, p. 86.
(99) Pe. Dornstauder, Ms.
(100) Idem, Ms., 15. ag. 1948.
(101) Telegrama, 27 agosto 1948.
(102) Pe. Dornstauder, Ms.
(103) Ibidem.

Acervo ISA

pulgas, não sentindo nenhuma segurança foi fácil convencê-los a abandonar o seu habitat, e assim o Parenti entrou triunfante em Utiariti, tendo-os todos consigo." (104).

Nessa ocasião, o Pe. Edgar e o Pe. Dornstauder souberam notícia de que Isaque e Carlos foram encontrados podres na rede com as cabeças decepadas (105). Os mais expostos aos ataques dos Beiço-de-Pau foram os da aldeia do capitão Antônio, então morando na aldeia do sul. Por isso, se acolheram à aldeia do norte, onde os padres Edgar e Dornstauder os encontraram em abril de 1954.

Os Mùnkù dizem que antigamente eram amigos dos Beiço-de-Pau: Um Beiço-de-Pau vivia com os Mùnkù, mas esses Mùnkù roubavam muita lenha do Beiço-de-Pau. Foi indo, o Beiço-de-Pau zangou e foi embora. Um Mùnkù foi atrás e chegou às aldeias dos Beiço-de-Pau. Quando o Mùnkù voltou para a casa, um Beiço-de-Pau o acompanhou de longe e foi fazendo assim: trepava numa árvore distante e espiava a aldeia. Se esta estava vazia, entrava, limpava a casa, levantava o pilão, se estava caido, punha em ordem as flechas, socava milho e fazia chicha.

Um dia, um chefe Mùnkù zangou, porque mataram sua mulher com veneno (borboleta fervida com corozinho preto e vermelho). Resolveu jogar os Beiço-de-Pau contra os Mùnkù. Foi à aldeia dos Beiço-de-Pau. Na aldeia, combinaram que o Mùnkù ia ficar em casa fazendo fogo com dois pauzinhos e os Beiço-de-Pau iriam pescar. Mas enquanto os Beiço-de-Pau pescavam, o Mùnkù foi à beira do rio, flechou um Beiço-de-Pau, que caiu morto na canoa. Flechou os outros, mas escaparam. Estava realizado o plano do chefe, de jogar os Beiço-de-Pau contra os patrícios. Os dois grupos tornaram-se inimigos desde então. O choque de ambos os grupos se dava nas caçadas.

Ouvimos falar que os Beiço-de-Pau atacaram três vezes aos Mùnkù. Nas duas primeiras vezes, morreram dois Mùnkù. Do terceiro ataque, temos mais dados: "O chefe Iránxe Acácio, um dia foi matar macaco. Mas ficou com fome e tirou mel. Quando batia com o machado, os Beiço-de-Pau escutaram e imitaram macaco. Um curiangú voou perto de Acácio. Quando viu um Beiço-de-Pau se levantar, escondeu atrás dum pau. Foi olhar e uma flecha o atingiu no nariz. Arrancou a flecha e correu. Os Beiço-de-Pau procuraram cercá-lo e um deles avançou com um pau, para matá-lo, mas caiu num buraco e só conseguiu derrubar no chão a flecha de Acácio. Acácio passou por seu pai e Clóvis, os quais ficaram esperando. Quando um Beiço-de-Pau ia passando, Clóvis flechou e matou. Durante o ataque, os Iránxe escutaram os Beiço-de-Pau falar: "Kusívirul". (106). Nesse último ataque, morreram dois ou três Beiço-de-Pau e Acácio tratou a ferida do nariz e ficou são.

---

(104) Pe. Edgar, carta ao Superior, Utiariti, 7 maio 1954.
(105) Pe. Dornstauder, Ms., Catequese Volante, Caderno 2.
(106) Pe. Dornstauder, Ms.

Acervo ISA

O medo aos Beiço-de-Pau foi sempre uma constante na história dos Mùnkù, desde que os conhecemos. Chegou a produzir uma fixação psicológica. Assim, o halo do sol é provocado pelo sangue das flechas dos Beiço-de-Pau. Quando aparece halo na lua, é porque os Beiço-de-Pau estão preparando flecha para matar Mùnkù. Se o halo for aberto, a parte falha indica que Mùnkù pode correr naquela direção. Se for fechado, não pode correr e tem de lutar.

Num dia de 1968, na aldeia do Uaporé deu uma ventania, estando ali presente o Pe. Adalberto. Maurício Tupsi explicou-lhe que o vento vinha do lado dos Beiço-de-Pau. Os Mùnkù diziam que um dos motivos da mudança do Cravari para aquela cabeceira foi estar longe dos Beiço-de-Pau.

Em 1961, numa visita aos Mùnkù, no Cravari, o Pe. Adalberto presenciou o capitão Antônio preparar uma infusão em água, da raiz kapakali, numa lata. Ao mexer, se fizesse muita espuma, até subir, os Beiço-de-Pau estavam perto. Do contrário, estariam longe. Enquanto o capitão Antônio mexia e olhava, os homens e mulheres cantavam e dançavam em volta. Os homens batiam os arcos nas flechas. A espuma não subiu, mas se subisse, os homens desesperados e entusiasmados flechariam para todas as direções e se preveniriam para a defesa.

Sonhar com ferroada de marimbondo significa que Beiço-de-Pau vem matar Mùnkù. Sonhar com sompxi significa que Beiço-de-Pau vai passar veneno naquele que sonhou.

Os Mùnkù chamam os Beiço-de-Pau de Poymi.á, Maymyakù, Avali, Tikorê e Namê.í ma.í.

Os Beiço-de-Pau foram pacificados em 1967 (107). Os Mùnkù Lino, Maurício, José e Inocêncio participaram da pacificação. Maurício certa vez foi flechado, felizmente sem maiores conseqüências.

Assim mesmo pacificados, os Beiço-de-Pau criaram preocupação nos Mùnkù. A 20 de setembro de 1971, escreve a Ir. Maria Luiza ao Pe. Thomaz: "Capitão e eu pedimos-lhe tomar providências urgentes sôbre a presença dos Beiços de Pau, no Paredão, andando pela estrada (seringal de Aníbal). Este sinal que Capitão está lhe enviando é sinal de hoje (20) encontrado por Anibal. Estava até com folhinha verde. Além de Anibal, Vito, Alípio, José Paulo e Sebastião viram sinais rescentes (sic). Thomaz não seria bom você falar com Pe. Henrique pedindo o avião para sobrevoar até Barra do Paredão até para cima?". Nove dias depois a mesma Irmã escreve ao Pe. Thomaz: "Thomaz, no dia em que você falou com o Pe. Henrique pelo rádio sobre o assunto dos sinais de indios pelo Paredão, passei apurada, porque estavam presentes todos os Iránixe exceto os que estavam em Utiariti (5). No momento em que o Pe. Henrique disse que os Iránixe estavam era com medo — foi uma revolta geral. Ficaram tão exaltados contra o Pe. Henrique (pronunciaram cada expressão!). Disseram que o Pe. Henrique não podia **provar** que êles tinham mêdo,

(107) Rev. de Antropologia, n.ºs 15/16, 1967, pp. 216-227.

Acervo ISA

porque nas pacificações são eles que ajudam e vão à frente dos Padres e que os Padres ficam amoitados até que êles chamam para o primeiro contato com a tribo. Alípio chegou a pronunciar cada coisa que não tenho coragem de lhe dizer, e que êles iriam com o Encarregado e foram mesmo. Não se conformavam de que Pe. Henrique não os atendesse. Até o momento ainda estão daquele jeito. Fiz de tudo para explicar o porque de Pe. Henrique não atendê-los no momento. Nada de quererem aceitar. O Pe. Thomaz explicou aos Mùnkù o sentido da expressão "estavam era com medo", mas mesmo assim as relações permanecem tensas um tempo. Participaram do sobrevôoo do dia 24 de setembro os PP. Adalberto, Thomaz e o índio Mùnkù Maurício Tupsi. Nada se constatou, mas foi uma satisfação ao pedido dos Mùnkù."

1.3. **Mùnkù e Rikbáktsa.**

Os Rikbáktsa vivem ao norte do território mùnkù e são chamados por esses de Salumã. Eram inimigos mortais dos Mùnkù e foram pacificados pelo Pe. Dornstauder, em 1957 (108).

Os Rikbáktsa disseram ao Pe. Dornstauder, em 1963, que, aproximadamente, em 1954, 20 Rikbáktsa saíram em expedição para conhecer e brigar com os Hahálits.tsa. Viajaram 17 dias de canoa e mais quatro a pé. Em vez dos Hahálits.tsa, os Rikbáktsa chegaram à margem direita do rio Cravari, à terra dos Hamwytswyts.tsa, como chamam aos Mùnkù. Perguntaram entre si o que fazer. Resolveram primeiro olhar. Apareceu cachorro. Ficaram com medo e o mataram. Recordaram que os Hamwytswyts.tsa apanharam seu milho mais de uma vez, como também amendoim e mandioca. Ficaram zangados e foram atrás deles. Ao meio-dia encontraram uma casa em construção. Parece que os Hamwytswyts.tsa viram primeiro e chamaram os companheiros, que tinham ido tirar mel. Voltaram. Os homens saíram fora com os arcos e correram. Os Rikbáktsa mataram 3 homens, 4 meninos e 10 mulheres. Os quatro meninos ainda flecharam. Levaram um menino e o chamaram de Tsinô, e duas meninas chamadas de Mòkò e de Nhãro. Levaram-nos para a aldeia do rio do Sangue. O Pe. Dornstauder conheceu Mòkò, quando já estava grávida. Neste estado caiu de uma rede e parece que morreu da queda. Nhãro ficou mulher de João Canoeiro e morreu na feitoria de Agostinho, também de parto, ofendida por Agostinho, conforme informação do Mùnkù Armando. O Rikbáktsa Tapema diz que, depois do ataque, carregaram os mortos para uma cabeceira não muito longe e ali assaram e secaram bem a carne em três giraus, para fazer depois mingau com castanha. Jogaram as tripas num buraco e só o sangue ficou no chão. Por seu lado, os Mùnkù dizem que os Rikbáktsa levaram três mulheres: Kutixi, Nãn.num, Yeymywlu.

---

(108) Pe. Dornstauder, Como Pacifiquei os Rikbáktsa. Pesquisas. História, n.º 17, São Leopoldo, 1975.

Acervo ISA

Benedito e Aureliana têm cicatrizes de flechas de Rikbáktsa. Os Mùnkù contam ainda que os Rikbáktsa mataram os pais dos irmãos Aristides, Genésia e José e comeram Xinunli, irmão de Alonso.

Em maio de 1948, os Mùnkù, por repetidas vezes, explicaram ao Pe. Roberto Bannwarth "que tempos atrás, foram atacados por indios selvagens que os frecharam (mostraram-nos as cicatrizes nos braços, no peito, no dorso), mataram umas dez pessoas, cortaram-nas em postas, que assaram e devoraram. Impossível saber se esses selvagens eram Nhambiquaras, Beiços-furados ou Ipanhumas." (109).

Os Mùnkù acompanharam o Pe. Dornstauder nos trabalhos da pacificação dos Rikbáktsa. Maurício Tupsi e Inocêncio tomaram conta do posto Santa Rosa no Arinos. Hoje os dois grupos indígenas se entendem. Utiariti foi o local da confraternização Mùnkù-Rikbáktsa.

1.4. **Mùnkù e Háliti (Paresí).**

Os Háliti foram sempre os grandes informantes e sobretudo guias de todas as expedições em busca do território Mùnkù.

Os Mùnkù chamam os Háliti de Mã.miá: homem do campo. Os Háliti, por sua vez, chamam os Mùnkù de Hayráwa. Os Háliti habitam ao sul do território dos Mùnkù.

Certamente algum grupo Mùnkù conviveu com algum outro Háliti, acontecendo casamentos entre os dois grupos. Os descendentes dessas uniões são chamadas pelos Mùnkù de Kuráli.

Encontramos 46 vocábulos comuns às duas línguas. As lendas dos dois grupos são parecidas.

1.5. **Mùnkù e Anúnsu (Nanbikuára).**

Os Anúnsu ficam a Oeste do "habitat" Mùnkù. Apelidam os Mùnkù de Hirarezuhira (gente muito braba). Os Mùnkù chamam os Anúnsu de Yonáde (outra gente).

Temos notícia de um encontro sangrento entre os dois grupos no baixo curso do rio Papagaio. Teriam morrido dois Mùnkù e três Anúnsu.

Ao se encontrarem os dois grupos na missão dos jesuítas em Utiariti, no começo se mostraram amigos. Depois as relações se tornaram tensas. O Pe. Dornstauder diz dos Mùnkù: "Caso ficassem um tempo em Utiariti, era para temer também a vizinhança dos Nambiquara. Parece que só fóra, e mesmo longe de Utiariti, num posto de ligação se poderia entrar em contacto mais demorado com eles. Havia entre eles dois irmãos, cuja mãe foi morta e comida pelos nambiquaras. Os machados que receberam no ano passado foram-lhes tomados por outros indios que os ameaçaram a tiro. Seriam o Júlio e Martinho, de quem dizem que levaram a mal, haverem se dado instrumentos aos Iranches e a eles não. Isso foi no começo

(109) Not. Pr. Br. Central, set. 1948, p. 52.

Acervo ISA

do ano". (110). Este posto de ligação, no entender do P. Dornstauder, se deveria localizar numa aldeia ou no Paredão (111).

Hoje, os dois grupos vivem em amizade.

1.6. Notas demográficas

"Na época do primeiro contato, em 1947, a tribo contava com possìvelmente 250 indivíduos, mas está agora reduzida a 43 pessoas." (112).

O Pe. Dornstauder dá o censo seguinte: em 1948: 90; maio de 1951: 70; outubro de 1952: 55; maio de 1953: 59; agosto de 1953: 54; março de 1956: 54 (113). Em 1965, são 52, incluídos os nascidos de casamentos mistos com Paresí, Nanbikuára, Kayabí (114). Em 1974, os Mùnkù puros são exatamente 50, totalizados com 33 homens e 17 mulheres.

A principal causa da diminuição dos Mùnkù são as doenças provindas do contato com os brancos. Os ataques dos Beiço-de-Pau e Rikbáktsa são também responsáveis por essa diminuição. Correu voz que, por causa da disciplina da flauta yetá, o Mùnkù Manoel Maria teria matado cinco mulheres.

Desde o começo se notou uma disparidade numérica entre homens, mais numerosos, e mulheres.

1.7. Casamentos mistos

Com a diferença entre homens e mulheres, os moços procuraram sair das aldeias e se estabelecer entre os brancos (115). Entretanto, apenas em 1974, casou-se um homem mùnkù com uma branca. Pelo contrário, duas moças mùnkù casaram-se uma com nanbikuára e outra com um branco (116). Utiariti foi o lugar onde os excedentes mùnkù encontraram mulheres de outros grupos tribais. Os primeiros casamentos mistos em Utiariti se deram em 1954, com índias háliti. De 17 de abril de 1954 até 30 de junho de 1974, aconteceram os casamentos seguintes, com a descendência:

---

(110) Pe. Dornstauder, Ms. 24 out. 1947.

(111) Pe. Dornstauder, Ms.

(112) Meader, p. 35.

(113) Com o reconhecimento do território Mùnkù, levado a cabo pelo Pe. Dornstauder em 1953, os dados são seguros na totalidade. De 1948 a 1953, os Mùnkù diminuíram de 40%. Cfr. Not. Pr. Br. Central, out. 1953, p. 74.

(114) Pe. Adalberto, Rev. de Antropologia, vol. 12, n.º 1 e 2, p. 105.

(115) Pe. Dornstauder, Ms.

(116) Em junho e julho de 1954, o casal foi à Áustria. A mùnkù escreveu para Isaldina dos Santos (OPAN): "Eu aqui estou indo muito bem. Estou gostando da Áustria apesar que chove cada dia. Como achei lindo este lugar, porque é muito romântico. Isa, fui até às montanhas conhecer as neves, gostei demais. Fui à Alemamanha e visitei alguns castelos e alguns palácios. Como achei lindo! Você nem pode imaginar! A minha sogra é uma mãe. O sogro nem se fale. Já estão pensando na nossa partida. A minha cunhada fez 14 peças de roupas para mim. Anita Inês.".

Acervo ISA

8	homens	mùnkù	com	mulheres	halíti:	19 filhos
3	homens	mùnkù	com	mulheres	rikbáktsa:	12 filhos
2	homens	mùnkù	com	mulheres	kayabí:	7 filhos
1	homem	mùnkù	com	mulher	cinta-larga:	4 filhos
1	homem	mùnkù	com	mulher	teréna (?):	1 filho
1	homem	mùnkù	com	mulher	branca	———
1	mulher	mùnkù	com	homem	anúnsu:	4 filhos
1	mulher	mùnkù	com	homem	branco	———

Ao todo: 19 casamentos mistos, com 52 filhos, sendo 29 e 23, dos sexos masculino e feminino respectivamente. 6 mùnkù vivem fora da reserva: 5 homens e 1 mulher.

Contam-se, na data de 30 de junho de 1974, 8 casamentos puros.

CLASSE DE IDADE DOS MÙNKÙ PUROS (abril 1974):

Homens		Mulheres
□	50 — 54	□
	45 — 49	
□□□□	40 — 44	
□□□□□□□	35 — 39	□□
□□ □□□□	30 — 34	
□□□□	25 — 29	□□□
□□□□	20 — 24	□
□	15 — 19	□□
□	10 — 14	□□□
□□	5 — 9	□□□□
□□□	0 — 4	□
Total: 33		Total: 17

Total Geral: 50

CLASSE DE IDADE DOS MÙNKÙ MISCIGENADOS (abril 1974):

Homens		Mulheres
□	15 — 19	□
□□	10 — 14	□□□□
□□□□□□□□□□□□□	5 — 9	□□□□□□□□
□□□□□□□□□□□□□	0 — 4	□□□□□□□□□□□
Total: 29		Total: 23

Total geral: 52

Acervo ISA

2. MÙNKÙ DO ESCONDIDO.

As primeiras notícias de um grupo Mùnkù arredio datam de 1953. Os Mùnkù do Cravari, de que tratamos até agora, anunciavam ao Pe. Dornstauder a existência de um grupo Mùnkù localizado ao rumo Norte. "Além disso: há notícia de uma numerosa turma de Iranxes ainda não visitada, um pouco abaixo da barra do Cravari, à margem esquerda do Sangue." (117). "Dizem que têm ainda machado de pedra, nem têm instrumentos cortantes como facão e foice. Têm muitas crianças. São muito arredios especialmente relativamente aos civilizados (gente com roupa). Estariam perto de um rio em direção para o NE." (118). Neste ano de 1953, o Pe. Dornstauder não pôde realizar a excursão para estes índios arredios, pois obstaram os do Cravari, principalmente as mulheres, pois a roça não estava pronta (119). Em 1961, os do Cravari ainda repetiam a informação (120). Em 1952, quando o seringalista Regis instalava o barracão de um subafluente do Diolicinho que deságua no Honorato, afluente, por sua vez, do Sangue, viu índios. Poderia ter sido a turma arredia dos Mùnkù.

A causa da cisão do grupo teria sido alguma rixa interna.

No dia 23 de maio de 1960, Maurício Tupsi, Antônio Tãmuxi, Lino Araaxi e Atanásio Iôlací são levados de carro pelos Irs. Isidoro e Antônio até o barracão São João, de onde os 4 índios mùnkù do Cravari seguem a pé. No dia 17 de junho chegam a Utiariti, dizendo que encontraram apenas seringueiros e uma roça do grupo mùnkù arredio, plantada de 3 anos (121).

No dia 10 de abril de 1961, Maurício Tupsi, José Tapurá e Armando Uaiakuxi procuram novamente a aldeia. Em 3 de maio, chegam a Utiariti, sem resultado (122).

Em 1.º de julho de 1969, os Pes. Thomaz, Edgar e Dornstauder sobrevoam as cabeceiras do córrego Rico, pois o seringueiro Goiano informara de vestígios de índios naquele lugar. Localizaram duas aldeias nas cabeceiras do córrego Rico: uma a 16 km e outra a 18, do rio Papagaio. Suspeitavam do grupo mùnkù arredio. Viram índios, jogaram do avião alguns presentes e bateram fotografias das aldeias. Por sua vez, o motorista de barco, Arantes, informa que, tempos antes, ouvira gritar frente à praia do Banho, um pouco abaixo do córrego Águas Claras, afluente, pela direita, do rio Papagaio.

No dia 6 de setembro, saem de Utiariti, em busca das duas aldeias descobertas de avião: Maurício Tupsi, José Ialukali, Lino Araaxi, José Uliminã, Pes. Thomaz e Adalberto. Os índios sobem, no dia 7, pouco abaixo do barracão do Tibúrcio, seguindo um córrego, porque

(117) Not. Pr. Br. Central, out. 1953, p. 77.
(118) Pe. Dornstauder, Ms.
(119) Moura, Pesquisas 1957, p. 176.
(120) Pereira, Rev. de Antropol., p. 106, nota 3.
(121) Diário de Utiariti, dias 23 maio e 17 junho 1960.
(122) Diário de Utiariti, dias 10 de abril e 3 de maio de 1961.

Acervo ISA

era a direção indicada pela bússola. Não encontram vestígios, chegando de volta ao barracão do Tibúrcio no dia 11.

No dia 12, o Pe. Adalberto desce ao Barranco Vermelho, a fim de buscar um barco motorizado para o serviço da expedição. Viria com o índio rikbáktsa Antônio Tonoita e esperaria a expedição na barra do córrego Rico. Essa ao mesmo tempo subia aquele córrego.

No quinto dia de marcha, os expedicionários encontram os primeiros sinais dos índios. No sexto, dão com uma picada e logo com uma capoeira, não muito velha, e logo na frente, com uma casa caída e mais outra, em bom estado, onde vêm pauzinhos de fazer fogo e pontas de flecha e mão-de-pilão, certificando-se tratar de Mùnkù. Mais à frente, o Pe. Thomaz reconhece o lugar visto de avião e logo adiante dão com a aldeia, mas abandonada. Não encontram a segunda aldeia vista de avião.

Deixam machado e foice como brinde e cortam rumo, para chegar ao rio Juruena. Na caminhada passam muita sede e ao se saciarem, na primeira cabeceira, apelidam-na Sede, por ser até então desconhecido aquele córrego. Deixam-se guiar pelo córrego da Sede, julgando que este os levaria ao Juruena. Fazia barra num grande rio. Em jangada de paus secos e cipós, descem as grandes águas. Durante a noite, a jangada rodou e tiveram de fazer outra. Chegaram então à barra do Papagaio, onde deram pelo engano: agora apenas entravam no Juruena. Encostaram no barracão do Tibúrcio. Tupsi, Ialukali e Araaxi descem, de canoa, a avisar o Pe. Adalberto e Tonoita, que esperavam 9 dias na barra do Rico, o resultado da expedição.

Estando próximas as chuvas, deixam a expedição para o ano seguinte e no dia 25 do mesmo setembro chegam a Utiariti.

No dia 24 de junho de 1970, José Tapurá, José Ialukali, José Uliminã, Luís Danninger, voluntário da OED, Pes. Thomaz e Adalberto saem de Utiariti, em nova expedição aos Mùnkù arredios. Acampam na barra do córrego da Sede. Daí sobem para a aldeia já conhecida. Encontram-na novamente abandonada. Entretanto, os Mùnkù ali estiveram, retirando o machado e a foice, deixando, em troca, um machado de pedra.

Durante três dias procuram a segunda aldeia, sem resultado. Os expedicionários deixam na aldeia: machado, faca, pente, uma bandeirinha da pacificação. Tapurá deixa algodão, mandioca e urucu, produtos dali da aldeia, para fazer ver que ali tinham estado brancos e mùnkù.

Os expedicionários descem o rio Papagaio, de barco, mas de bubuia, a fim de encontrarem o barco motorizado do Pe. Edgar. O Pe. ajouja o barco expedicionário no seu e o leva até à barra do córrego Águas Claras, porque ali, como se referiu, Arantes escutara gritos. Também o mapa dava esse córrego como vindo da região do Diolicinho, onde Pedro Laurindo e companheiros teriam visto vestígios de índios.

Acervo ISA

O Pe. Edgar viaja para Cuiabá, levando pedido de um sobrevôo para o avião mostrar aos expedicionários a direção certa das aldeias. No dia 13 de julho chega de volta o Pe. Edgar, dizendo que o aviador, adoentado, não pudera voar. Ajoujou o barco da expedição ainda no seu e levou-o à barra do córrego da Sede. Luís Daninger deixa a expedição e segue um outro grupo de jesuítas a um passeio ao Barranco Vermelho. Os expedicionários sobem à aldeia conhecida, mas encontram ainda os brindes deixados.

Dessa aldeia, os índios saem a explorar as cabeceiras do Diolicinho e Eusébio, afluentes do Sangue, enquanto os Pes. Thomaz e Adalberto, infrutiferamente, buscam a segunda aldeia. Os índios atingem a cabeceira de um córrego afluente do Sangue.

No dia 18 de julho a expedição desce bem cedo da aldeia, para não perder o barco do Pe. Edgar subindo para Utiariti com prazo. O barco passara na véspera. Os expedicionários descem de bubuia até o barracão do Tibúrcio e apenas no dia 31 chegam a Utiariti.

No dia 27 de fevereiro de 1971, o Pe. Adalberto sobrevoa a região dos índios, para reconhecimento das aldeias e demarcação de roteiros, mas sem resultado, por falta de visibilidade. No dia 15 de maio, o mesmo padre localiza, de avião, duas outras aldeias. O avião, voando das aldeias encontradas em direção ao Papagaio, sai pouco abaixo da ilha do Barreiro.

No dia 9 de junho, saindo de Utiariti, compõe-se nova expedição formada pelos Pes. Thomaz, Adalberto, Ir. Vicente Cañas e os índios mùnkù do Cravari José Tapurá, Maurício Tupsi, Armando Uiakuxi. O motorista a servir nos rios, índio rikbáktsa Odilon Aiquiniata agora conta com barco motorizado. Levam provisão para três meses. No dia seguinte ao da partida chegam ao local onde o avião apontara no Papagaio. Aí se descobre a barra de um córrego de muita água. O Pe. Adalberto o batiza de Escondido, pois não se via de avião e ninguém, ao que parece, o conhece.

Uiakuxí e Aiquiniata ficam construindo um rancho na barra. Os demais sobem. Aproveitam primeiro uma estrada de seringa. No dia seguinte, à noitinha, aparecem vestígios. No outro dia alcançam uma picada mùnkù e com uma hora de caminhada Tapurá ouve bater de machado. Descem as mochilas, os índios só de calção se pintam de preto. Bem adiante, depois de alguns ranchos velhos, a estrada se abre em duas. Tomam o ramo da esquerda. Na cabeceira do Escondido passa uma grande pinguela. Ali encontram pegadas daquela manhã. O caminho desemboca largo numa roça, no meio da qual se encontra uma aldeia desabitada. Um adulto e uma criança colheram amendoim horas antes. É a casa das bandas do Norte, conforme se viu de avião. Rumam para o Sul, por um caminho de 4 metros de largo. Uma hora e meia depois, Tupsi cheira urucu e depois uma criança chora. Vêem a roça e a casa no meio. A 30 metros da casa, vêem que todos estavam menos um, que cortava de machado na roça.

Acervo ISA

Os jesuítas se sentam atrás de um pau caído. Tapurá e Tupsi vão em direção à casa, vagarosamente, com alguns presentes na mão. Conversariam no máximo 10 minutos, para evitar a contaminação de doenças, principalmente a gripe. Explicariam apenas aos recém-descobertos que ainda existiam os patrícios no Cravari, que os Rikbáktsa não os incomodariam mais, que não tivessem medo do avião, pois nós mesmos voávamos, que voltaríamos depois de um mês.

Os dois chegam até perto da casa sem serem percebidos e certificam-se que a língua é mesmo mùnkù. Então Tapurá diz que os machados achados por eles, eram brindes nossos. Dois moços saem pela porta de trás, com arco e flechas. As mulheres reparam que Tapurá fala mùnkù e mandam baixar os arcos. Quase todos se aproximam e começa um diálogo animado.

Só depois de meia hora Tapurá e Tupsi voltam para chamar os jesuítas. Tapurá resume o que os Mùnkù lhe contaram: eram somente aqueles ali presentes e mais dois caçando; foram atacados, várias vezes, pelos Rikbáktsa; estes levaram duas crianças e por isso eram poucos.

Com a aproximação dos jesuítas, os Mùnkù se espantam um tanto, logo tranqüilizados por Tapurá. A confiança mútua aumenta com a conversa. Dois homens saem, assam cará e oferecem aos expedicionários. Estes verificam que são 23 os Mùnkù recém descobertos, ao todo.

Os expedicionários esboçam logo desejo de irem embora e os Mùnkù convidam para dormirem na aldeia. Na decisão de sair, os Mùnkù dão mais cará para a viagem e arcos e flechas para Tupsi e Tapurá. Um dos mais velhos manda que dois moços guiem os visitantes por um atalho, até o local onde deixaram as redes. Com duas horas e meia de caminho, chegam aos ranchos velhos. Os dois guias ardem de curiosidade por saber por onde é que a expedição tinha alcançado a terra e a aldeia deles.

Descansando no mesmo acampamento da noite anterior, Tapurá conta ainda dos recém-descobertos: no ano anterior viram a nossa expedição e alguns quiseram flechar. O mais velho disse que não fizessem, porque tinha deixado muitos presentes para eles. Também escutaram Tapurá falando na língua deles, no acampamento. Disseram ainda que foram atacados por seringueiros, que lhes levaram um menino, mas a mãe ainda estava na aldeia.

No dia 15, a expedição chega ao Papagaio e o dia 17 encerra a viagem em Utiariti.

A expedição prometera estar de volta à aldeia dentro de um mês. Cumprindo a promessa, no dia 9 de julho saem de Utiariti o Pe. Thomaz, o Ir. Vicente e alguns Mùnkù do Cravari. Os do Escondido saíram ao encontro dos visitantes no tempo aprazado. A expedição chegou dias depois. Foi bem recebida na aldeia. Durou apenas duas horas, ainda por medo de contágios.

Acervo ISA

No dia 25 de setembro, o Pe. Thomaz e o Ir. Vicente tornam à aldeia do Escondido, levando alguns Mùnkù do Cravari, que não conheciam os novos. Tapurá leva uma castanha de caju e duas mudas de bananeira, para plantar. Demoram-se apenas duas horas. Todos os do Escondido passam bem.

O Prof. Ney Land, no relatório à FUNAI, diz: "No dia seguinte, sobrevoamos as aldeias dos índios Mùnkù, de tronco lingüístico ainda não determinado, que estão sendo atraídos pelo Padre Thomaz de Aquino Lisboa, mais ao sul da Reserva Erigpactsá, situadas a cento e poucos quilômetros da margem direita do rio Juruena. Em um ano de contatos, já estiveram três vezes com os índios Mùnkù e em tempo as visitas somam apenas a 6 horas. Com isso, foram evitadas mortes por contágio e os índios já estão fazendo roças grandes, que tivemos oportunidade de sobrevoar. O trabalho está sendo maravilhosamente feito, não havendo outra preocupação que não seja a de trocar o material etnográfico por enxadas, facões, terçados e foices. Até hoje não morreu um só índio." (123).

Nova visita de 31 de dezembro de 1971 a 6 de janeiro de 1972, em que o Pe. Thomaz leva índios novos do Cravari. Plantam algumas mudas de cana. Desta vez passam a noite na aldeia do norte, onde se encontram então os Mùnkù, mas dormem fora da casa, também por evitar contaminação.

Na visita de 9 a 16 de março de 1972, o Pe. Thomaz compõe um quadro de classes de idades do grupo: 12 homens e 11 mulheres (5 casais, 4 moços, 2 moças, 3 meninos e 4 meninas):

CLASSE DE IDADE DOS MÙNKÙ DO ESCONDIDO (março 1972)

Homens		Mulheres
	□ 55 — 59	
	□ 50 — 54	□
	□ 45 — 49	□
	40 — 44	□
	35 — 39	
	30 — 34	□
	□□ 25 — 29	
	□ 20 — 24	□
	□□□ 15 — 19	□
	□ 10 — 14	□
	5 — 9	□
	□□ 0 — 4	□□□
Total: 12		Total: 11

Total geral: 23

(123) Ney Land, Relatório, p. 8.

Acervo ISA

Nessa visita de março, ainda ficou prometido de Tapurá ficar morando na aldeia, definitivamente, casando-se com uma mocinha oferecida a ele. O Pe. Thomaz filma cenas da vida da aldeia.

Na visita de 31 de maio a 8 de junho, se dá o casamento de Tapurá com Paataú a estilo mùnkù. Pe. Thomaz filma novamente.

De 7 a 12 de julho, em nova visita, Pe. Thomaz filma e recebe a notícia da existência de outro grupo de índios, assim como da mudança de liderança, pois Tapurá agora é o capitão.

Na segunda quinzena de agosto, Pe. Thomaz sabe de Mauro Tenuta, em Cuiabá, que os medidores de terra a serviço daquele fazendeiro encontraram os Mùnkù do Escondido impedindo a medição. Tapurá reparou que a demarcação se avizinhou demais da aldeia. Os medidores se desculparam frente a Tapurá, deram alguns presentes e rumaram para Cuiabá, a fim de relatar o fato. Tapurá tinha apelado para recurso à FUNAI.

"Tendo sido informados do incidente do encontro dos índios com a turma da medição, os responsáveis pela Missão Anchieta iniciaram um diálogo direto com o interessado nas terras limítrofes do hábitat dos Mùnkù, o Sr. Mauro Tenuta. Alegava ele que a aldeia estava no fim da angulação do traçado de suas terras. Sendo assim, os missionários dialogaram com os índios vendo sobre a possibilidade de construirem a aldeia um pouco mais para o oeste, liberando a área de litígio. Os índios relutaram, pois o seu hábitat era realmente na direção oposta, a leste, contudo aceitaram a proposta feita. Seriam indenizados de tudo, das grandes extensões de derrubadas, plantações, 500 metros de pista feita a golpes de machado, etc. Isso seria feito com vagar, sem pressa." (124).

De 16 a 26 de setembro o Ir. Vicente tenta atingir a aldeia do Escondido por via terrestre, utilizando a estrada de Mauro Tenuta. Os seus companheiros, Anibal Iãnanxi, José Uliminã e Manoel, separam-se do Ir. Vicente no trecho a ser feito a pé, depois da estrada de Tenuta. O Ir. volta a Utiariti, sem ter chegado à aldeia. Completa a peregrinação pela conhecida via fluvial, esperando encontrar os três índios do Cravari na aldeia. Os três já tinham partido para a estrada de Tenuta. O Ir. Vicente repara que a medição apertava, em cerco, a aldeia mùnkù do Escondido. Os índios tinham destocado 500 metros para fazerem um campo para pouso de avião. Também informaram que os índios novos continuavam aparecendo: viram fogo desses índios e a estatura deles era baixa e suas flechas eram parecidas com as dos Mùnkù. Apelidavam estes índios novos de Walomi.á. Ir. Vicente não marca data para a visita seguinte à aldeia do Escondido.

Enquanto o Ir. Vicente chegava à aldeia do Escondido, em Utiariti apareciam geólogos da CPRM, que se prontificaram a resgatar os três índios do Cravari. Comprovando que não tinham chegado ao Cravari, os geólogos descem à estrada de Tenuta, encontram-nos e os repatriam para a aldeia do córrego Robafo.

---

(124) Pe. Thomaz, Ms., Declaração, p. 1.

Acervo ISA

De 8 a 13 de dezembro, aproveitando a ocasião da viagem dos índios Rikbáktsa a Diamantino, pois iam assistir à ordenação do diácono Balduíno Loebens, o Pe. Thomaz leva ao Escondido os Rikbáktsa Tapema, Bibitata e Metseárik, para uma confraternização. Foram recebidos alegremente por Tapurá. O Pe. Thomaz, durante a visita de uma hora, mediu o campo de aviação mùnkù e achou 366 metros por 36 de pista pronta.

De junho a julho de 1973, o Pe. Thomaz permanece um mês entre os Mùnkù do Escondido. Toma o Diretório indígena da Missão, a fim de levar a cabo observações etnográficas. Verifica que não utilizam o som "L" (125). Vê que a estrada de Tenuta passa a 8 km apenas da aldeia e passa em reconhecimento o trecho novo aberto com trator de esteira. Os Mùnkù se resignam a abandonar o sítio da aldeia, para evitar contato com os brancos e escolher novo local de moradia. Também iniciam a derrubada para roça (126).

Por meio dos trabalhadores de Tenuta, chega a Diamantino notícia de que grassava a gripe entre os Mùnkù, a primeira em dois anos de contato. Imediatamente o Pe. Thomaz e o Ir. Vicente levam socorro aos Mùnkù. O estado de saúde dos índios não é grave. Mesmo assim o Pe. Antônio Iasi substitui o Pe. Thomaz na vigilância, que se estende até o dia 18. O Pe. Iasi escreve: "Exceto as crianças de peito, todos receberam duas injeções antigripal, forte dose de Vitamina C, durante toda a semana e expectorante, nos quatro primeiros dias. As temperaturas mais altas baixaram, a tosse desapareceu." (127).

No dia 8 de setembro, o Pe. Thomaz se encontra outra vez entre os Mùnkù do Escondido. Constroem casas no local escolhido para a nova aldeia. Alguns padecem de gripe, já começadas as chuvas. O Pe. Thomaz, no dia 10, se despede, para tentar alcançar de Tenuta o prazo de um ano para a mudança da aldeia.

No dia 17, o Pe. Thomaz está de volta, desta vez acompanhado de Alípio Xinunxi, do Cravari. Iapoitáu falecera na véspera e no dia da chegada falece mais um índio. Nova onda de gripe se manifesta. Os dois recém-chegados saem à procura de recurso. Chega no dia 20 o Pe. Antônio Iasi. No dia 26, desce pela primeira vez um avião no campo da aldeia. Com muito trabalho consegue decolar.

Para dar continuidade à assistência sanitária, a enfermeira voluntária da OPAN, Aldir Mariano da Costa, acompanhada da auxiliar de enfermagem, mùnkù do Cravari Regina Ialapoitaci, chega à aldeia do Escondido no dia 30. Saem os padres. Ialapoitaci não demora, mostra desejo de casar com um jovem mùnkù do Escondido.

Na visita de 11 de outubro, o Pe. Thomaz encontra os índios com saúde. Faz ver a Ialapoitaci a necessidade de pedir o consentimento dos pais para o casamento. Partem no dia 19.

---

(125) Pe. Thomaz, Ms., 30 dias com os Mùnkù 1973.
(126) Pe. Thomaz, Ms., Declaração, pp. 1/2.
(127) Pe. Antônio Iasi, Ms. mimeogr., Relatório da viagem aos índios Menku, 10 a 18-8-1973.

Acervo ISA

No dia 24, o Pe. Thomaz leva ao Escondido Ialapoitaci com seus pais e a irmã menor e mais Maurício Tupsí. Com o casamento de Ialapoitaci, o Pe. Thomaz dá por bem encaminhado o assunto de saúde na aldeia. Mais intrincadas se mostravam as questões da terra dos índios.

O Prof. Ney Land reforça um antigo pedido de reserva para os Mùnkù do Escondido, por ocasião da visita de inspeção de dezembro (128). O Pe. Antônio Iasi havia apresentado à FUNAI, desde 1971, a urgente necessidade de demarcação de terra dos Mùnkù. Agora os acontecimentos maléficos se precipitam. Fazendo-se surdo aos apelos de consideração de combinações feitas, Tenuta não aguardou a solução da FUNAI: apresentou-se na aldeia, dizendo ter ordens da FUNAI: "Então pude verificar que das malocas indígenas só havia um montão de destroços. O trator de esteiras trabalhava. Os índios haviam se retirado há dois dias, levando nas costas o que puderam. Foram enganados pelo próprio Mauro Tenuta que ali viera, de avião, dizendo que a FUNAI e o governo haviam dado aquela ordem. Em pagamento da retirada de suas terras, os índios receberam 10 sacos de arroz, 8 sacos de açúcar, 10 sacos de farinha, 1 saco de feijão, alguns facões, machados e foices, calças, camisas e botinas. É bom notar que esses índios ainda estavam com o seu regime alimentar próprio, não conhecendo outra alimentação. Roupas nunca haviam usado até então e assim que essas coisas dadas a eles eram mais prejudiciais que ajuda real. Aliás, deveriam levar tudo nas costas, a uns 10 km de distância. Assim, Tapurá, o altivo chefe que fez parar e voltar a turma de medição em 1972, teve de aceitar a humilhação de deixar sua rica aldeia, repleta de alimentos, só porque lhes enganaram, alegando ser ordem da FUNAI." (129). O Pe. Thomaz constatou tal destempero, na visita de 4 de maio de 1974, depois de ter passado pelo acampamento de Tenuta, com Anibal e Uliminã, contrariando o aviso dado por Vila, cognominado Paraguaio, de não utilizar o caminho da fazenda (130).

Pe. Thomaz procura ter um encontro com Tenuta em Cuiabá, mas é expulso do escritório do fazendeiro. Denuncia então à FUNAI a invasão das terras dos Mùnkù do Escondido e telefona ao Pe. Iasi, em Brasília, pedindo sua intervenção junto ao presidente da FUNAI, Gal. Ismarth, a fim de alcançar a interdição da área mùnkù (131).

A assessoria da 5.ª DR da FUNAI encaminha uma petição à justiça Federal e outra à Delegacia Regional da Polícia Federal de Cuiabá, pedindo simultaneamente a manutenção de posse da área ocupada pelos Mùnkù. Solicitou enquadrar o fazendeiro Mauro Tenuta no Art. 25 do Dec. 5.848, por haver invadido e depredado área e patrimônio indígenas. O presidente da FUNAI recebe a denúncia

(128) Ney Land, Relatório, Anexo 4, p. 26; Pe. Thomaz, Declaração, p. 1.
(129) Pe. Thomaz, Declaração, p. 4.
(130) Pe. Thomaz. Declaração, pp. 3/4.
(131) Pe. Antônio Iasi. Ms.

Acervo ISA

do Pe. Iasi e pede ao ministro do Interior, Maurício Rangel Reis, a interdição dos 35 mil hectares habitados pelos Mùnkù. No dia 16 de maio, conforme notícias dos jornais (132), o Presidente da República interdita a área mùnkù.

Por sua vez, Mauro Tenuta e Celestino A. P., pelo advogado Maurício Tenuta, apresentam "queixa-crime" à Secretaria de Segurança de Mato Grosso, acusando o Pe. Thomaz de "incitar os índios à subversão" (133). As quatro laudas da "queixa-crime", firmadas pelos dois fazendeiros, foram enviadas à Delegacia da Polícia Federal, à FUNAI, ao 16.° Batalhão de Caçadores de Cuiabá, ao Sr. arcebispo de Cuiabá. Foi determinada a instauração de inquérito, sendo designado para tal ação um delegado especial (134).

Os padres Thomaz e Iasi, no dia 29 de maio, depõem, em audiência na Justiça Federal, e dois dias depois o juiz, Dr. Clovis de Melo concede liminar de reintegração de posse. Pe. Iasi acompanha o oficial de Justiça à área de litígio e no próprio barracão, construído por Mauro Tenuta, foi firmado o ato: (135)

"Auto de reintegração de posse — Aos seis dias do mês de junho do ano de hum mil novecentos e setenta e quatro, eu oficial de Justiça Federal deste Juízo abaixo assinado, dando cumprimento ao R. despacho exarado pelo MM. Juiz Federal Substituto do Estado de Mato Grosso, nos autos de Manutenção de Posse, em que são parte Fundação Nacional do Índio e réu Benedito Mauro Tenuta e sua mulher Regina Marques Tenuta, em cumprimento ao respeitável mandado, dirigí-me no Município de Diamantino neste Estado, e sendo alí procedí à Reintegração de Posse os Índios do grupo "Mùnkù" representados pela Fundação Nacional do Índio, na pessoa do seu representante legal, uma área de terras situada à margem direita do rio Papagaio, na confluência dos Corregos Seco, Escondido e Barreiro, no Município de Diamantino.

Reintegração de Posse feita sem nenhuma oposição. Para constar, lavrei o presente Auto de Reintegração de Posse, que vai assinado por mim e pelo representante da Fundação Nacional do Índio. O referido é verdade e dou fé. Diamantino Mt, 6 de junho de 1974.

Ass. João Mariano Pires, Oficial de Justiça Federal PJ-7
Antonio Iasi Jr. Representante da Funai"

---

(132) Ampla divulgação teve o episódio, inclusive na televisão.

(133) Lê-se na "queixa-crime": Inicialmente existiam apenas 8 indígenas e mais crianças; o querelado usando de falsa missão, levou para ali mais dois indígenas, sendo uma mulher aculturada de nome Regina e um senhor idoso por nome capitão José, cujo aldeiamento está situado ao lado da propriedade de Mauro Tenuta. Ocorre que o querelado, além de não prestar nenhuma assistência aos indígenas, ou seja, alimentação, vestimentas ou, quando menos, alguma mensagem cristã, vive a usar aqueles pobres indígenas e a insuflá-los contra os trabalhadores dos querelantes, sendo que dois desses mesmos indígenas em péssimo etado de saúde e sem nenhuma assistência por parte da padre Thomaz.".

(134) Major Zuzi Alves, da Polícia Estadual (Cfr. Iasi, Ms.).

(135) Barracão de zinco, em área indígena mùnkù.

Acervo ISA

No dia 10 de agosto, o mesmo juiz assina sentença definitiva, condenando o fazendeiro e obrigando-o à indenização prevista pela lei.

A história dos Mùnkù, contendo em seus primórdios um ato tachado por Rondon de "inqualificável crueldade", contra os Mùnkù do Cravari, conta nos presentes dias com um outro, contra os Mùnkù do Escondido, tachado pelo Delegado Regional da FUNAI, Gerson Alves da Silva, de "um ato de violência, que fere todos os princípios". (136).

(136) O Estado de São Paulo, 9 maio 1974, São Paulo.

Acervo ISA

BIBLIOGRAFIA

ANÔNIMO
1935-74 Cartas dos missionários.

ANÔNIMO
1935-54 Diário da casa de Diamantino dos jesuítas.

ANÔNIMO
1935-45 Diário da estação missionária de Mangabal do Juruena.

ANÔNIMO
1946-74 Diário da estação missionária de Utiariti.

ANÔNIMO
1916 **Missão Rondon. Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas sob a direção do coronel de engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915.** Rio de Janeiro

ANÔNIMO (DRÉNEUF, João Batista du)
1940 **Missão de Diamantino.** São Paulo.

BANNWARTH, Roberto
1948 Missão do Mato Grosso (De uma carta do R. P. R. Bannwarth aos Irs. Filósofos). **Notícias da Província do Brasil Central**, ano XXII, n.° 2, pp. 50-54, setembro. Rio de Janeiro. Item, em Mensagem aos Nossos Amigos, título: A Misteriosa Região dos Iranches, Ano II, n.° 6, pp. 15-19, janeiro, 1950. São Paulo.
1949 Missão do Mato Grosso (De uma carta do R. P. R. Bannwarth ao Sr. Chaves). **Notícias da Província do Brasil Central,** ano XXIII, n.° 2, pp. 84-86, setembro. Rio de Janeiro.

BARROS, Fridolino Vieira de
1974 Declaração, de 14 de junho.

DORNSTAUDER, João Evangelista
1946-63 Manuscritos de 17 anos de contato com os Mùnkù do Cravari. Contêm resumos.

DRÉNEUF, João Batista du
1935a. De uma carta de Monsenhor du Dréneuf. **O Apóstolo**, ano VI, n.° 16, pp. 20-22, agosto. Rio de Janeiro.
1935b. **Notícias da Vice-Província do Brasil Central**, anno I, n.° 8, dez., pp. 209-211. Rio de Janeiro.

FREITAS, Carlos Luiz de
1948a. Utiariti. **Ecos do Norte do Brasil,** vol. IV, ano 10, n.° 3, julho a set., pp. 305-310. Recife.
1948b. Missão entre os índios. **Ecos do Norte do Brasil**, Vol. IV, ano X, n.° 4, out. a dez., pp. 325-330. Recife.

Acervo ISA

FREITAS, João Borges de
1942 Carta ao Padre Crespo. **Notícias da Província do Brasil Central**, ano XV, n.° 9, março, pp. 558-559. Rio de Janeiro.

IASI Júnior, Antônio
1973 **Relatório da viagem aos índios Menku 10 a 18-8-1973**, Mimeografado, agosto 1973. Diamantino.

LAND, Ney
1973 **Relatório de viagem do Prof. Ney Land ao Estado de Mato Grosso para trabalhos de inspeção na área de influência da Missão Anchieta, dezembro 1971.** Mimeografado, 26 dezembro, 23 pp., com mapas. Brasília.

LISBOA, Thomaz de Aquino
s.a. Missão Calada. Em preparação para publicação.
1971 **Relatório das atividades, viagens, providências, hospedagens e demais ocorrências, durante a tentativa de Instalação do Posto Indígena Iránxe.** 5 pp. Utiariti.
1972 **Histórico sobre o atendimento aos Iránxe.** 8 pp. Utiariti.
1974 **Declaração.** 4 pp. Diamantino.

LYRA, João Salustiano
1908 **Variante da Ponte de Pedra ao Salto Utiarity e Aldeia Queimada.** Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas. Publicação N.° 7. Anexo N.° 3. Rio de Janeiro.

MARTIN, Lamberto
1935 Carta 18 agosto ao Provincial. **Notícias da Vice-Província do Brasil Central**, ano I, n.° 8, dez., p. 217. Rio de janeiro.

MASON, J. Alden
1950 "The Languages of South American Indians". **Handbook of South American Indians**, vol. 6, Smithsonian Institution. Washington.

MEADER, E. Robert
1967 **Iranxe: Notas gramaticais e lista vocabular.** Museu Nacional. Publicações Série diversos. Lingüística II, 139 pp. Rio de Janeiro.

MELLO, Alonso Silveira de
1975 II — A Missão do Mangabal do Juruena. **Pesquisas** — História, n.° 17, pp.

MÉTRAUX, Alfred
1942 **The Native Tribes of Eastern Bolivia and Western Mato Grosso.** Bulletin 134, Smithsonian Institution. Washington.

Acervo ISA

MOURA e Silva, José de

1957 Os Iranche. Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo. **Pesquisas** 1, pp. 143-180, 293-295. Porto Alegre.

1960 Os Münkü. 2.ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche. **Pesquisas.** Antropologia n.° 10, 59 pp. Porto Alegre, (137).

OBERG, Kalervo

1953 **Indian Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil.** Smithsonian Institution, Institute of Anthropology, Publication n.° 15, p. 128. Washington.

PEREIRA, Adalberto Holanda

1965 Vocabulário da Língua Iránixe. **Revista de Antropologia**, vol. 12, n.°s 1 e 2, pp. 105-115. São Paulo

RONDON, Candido da Silva

1922 **Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e São Paulo.** Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas, publicação n.° 68. Rio de Janeiro. Segunda edição, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1946. Rio de Janeiro.

s.a. **Ethnographia.** Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas. Annexo N. 5. Historia Natural. Rio de Janeiro. A segunda edição foi publicada pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1947. Rio de Janeiro.

1910

SCHMIDT, Max

1929 Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Matto Grosso. September 1926 bis August 1928. **Zeitschrift für Ethnologie**, LX, pp. 85-124. Berlin. Versão portuguesa no Boletim do Museu Nacional XIV-XVII, 1938-1941, pp. 241-285, com o título: "Resultados da minha expedição bienal a Mato Grosso de Setembro de 1926 a Agosto de 1938". 1942, Rio de Janeiro.

1942 Los Iranches. **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay**, V, n.° 6, pp. 35-39. Asunción.

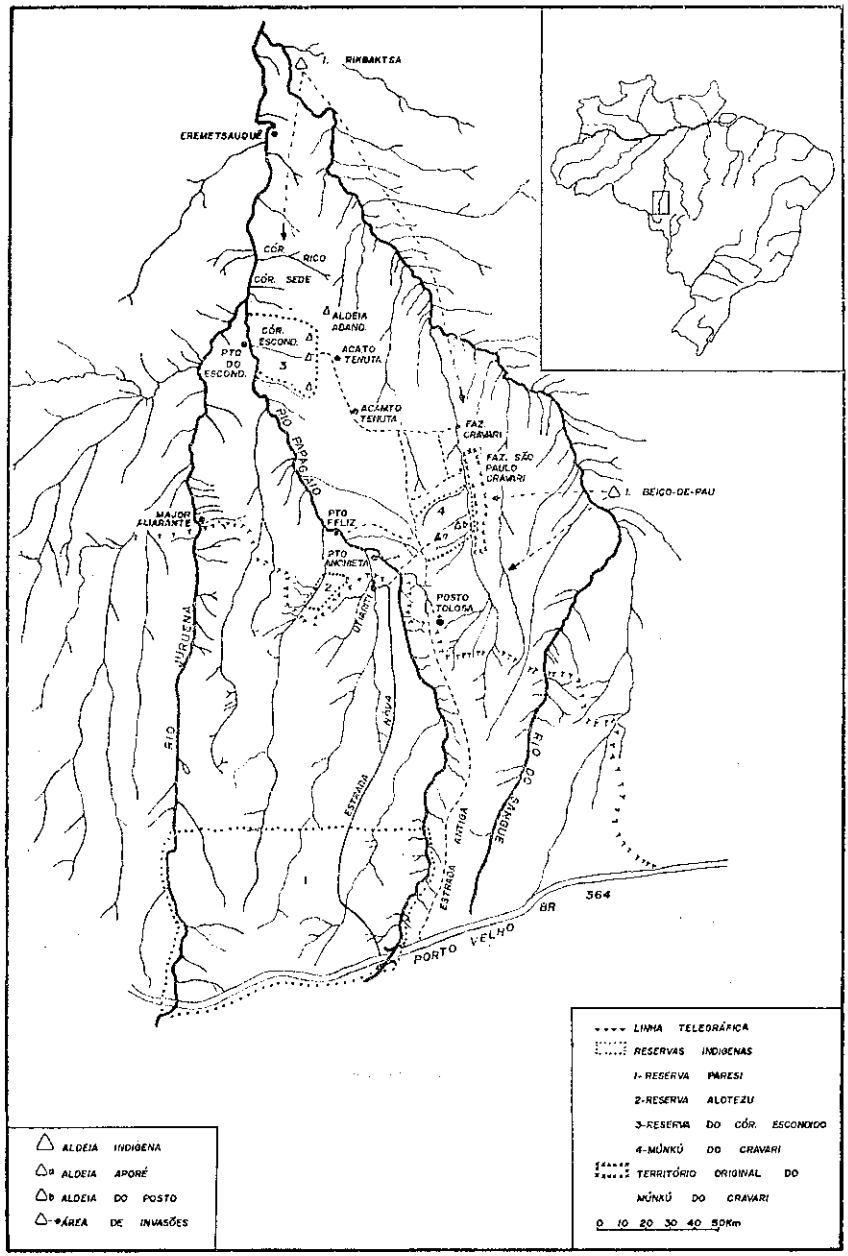
ZAMATIAMARE, J. A. (Pereira, Adalberto Holanda e Moura e Silva, José de)

1959a. Desvendando o Esconderijo da Tribo Iranche. **Diário de Notícias,** Suplemento, 14 maio 1959, p. 11. Porto Alegre.

1959b. O Mundo Misterioso dos Índios Iranches. **Diário de Notícias** Suplemento, 31 maio 1959, p. 11. Porto Alegre.

(137) Nas páginas pares, onde se lê "Antropologia n.° 8", leia-se n.° 10).

Acervo ISA


I. RIKBAKTSA
EREMETSAUQUÉ
CÓR. RICO
CÓR. SEDE
ALDEIA ADANO
CÓR. ESCOND.
PTO DO ESCOND.
ACAMTO TERUTA
ACAMTO TERUTA
FAZ. CRAVARI
FAZ. SÃO PAULO CRAVARI
I. BEIGO-DE-PAU
RIO PARAÍSO
MAJOR ALIABENTE
PTO FELIZ
PTO ANCHIETA
POSTO TOLOSA
RIO JURUENA
RIO CRAVARI
ESTRADA ANTIGA
RIO DO SANGUE
BR 364
PORTO VELHO
LINHA TELEGRÁFICA
RESERVAS INDÍGENAS
1-RESERVA PAREXI
2-RESERVA ALOTEZU
3-RESERVA DO CÓR. ESCONDIDO
4-MÚNKÚ DO CRAVARI
TERRITÓRIO ORIGINAL DO MÚNKÚ DO CRAVARI
0 10 20 30 40 50Km
ALDEIA INDÍGENA
ALDEIA APORÉ
ALDEIA DO POSTO
ÁREA DE INVASÕES

Acervo ISA

ÍNDICE

1. **Mùnkù do Cravari** 1

1.1. Mùnkù e civilizados 1

1.2. Mùnkù e Beiço-de-Pau 17

1.3. Mùnkù e Rikbáktsa 21

1.4. Mùnkù e Háliti (Paresí) 22

1.5. Mùnkù e Anúnsu (Nanbikuára) 22

1.6. Notas demográficas 23

1.7. Casamentos mistos 23

2. **Mùnkù do Escondido** 25

Bibliografia 35

Acervo ISA

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 1, 1957 122—142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 143—180, 293—295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 113—143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas, 3, 1959, 199—266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 267—324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina,** Südbrasilien — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Anthropologia nr. 6; 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztias** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 pp
10. **Os Munkü. 2.ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte,** aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien. — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense,** IV (1961) — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina.** I. Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1966, Antropologia nr. 15, 61 pp. 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** — Pedro Ignacio Schmitz, S.J. e outros — Pesquisas 1967, Antropologia nr. 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1967, Antropologia nr. 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** — Pesquisas 1968. Antropologia nr. 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** — João Alfredo Rohr, S.J. Pesquisas 1969, Antropologia nr. 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** — Tom O. Miller, Jr. — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 21, 48 pp., 18 fig, fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Antropologia nr. 22, 37 pp., 1 mapa, 1 fig, 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardinho** (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1.ª parte — Pedro Ignacio Schmitz e outros — Pesquisas 1970, Antropologia nr. 23, 54 pp., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1971, Antropologia nr. 24, 56 pp., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuára e Quinze Lendas dos Rikbáktsa** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J. — Pesquisas 1973, Antropologia nr. 25, 48 páginas.
26. **A morte e a outra vida do Nanbikuára. Lendas dos Índios Nanbikuára** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J. — Pesquisas, 1974, Antropologia nr. 26, 54 pp.
27. **Lendas dos Índios Iránxe** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J. — Pesquisas 1974, Antropologia n.º 27, 84 páginas.

Acervo ISA

VALE DO RIO DOS SINOS

Revista da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos

Publica trabalhos de pesquisas e artigos dos professores e alunos da Faculdade, nos campos sócio-econômico-doutrinatários.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres

Endereço:

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Praça Tiradentes, 35
93000 São Leopoldo — RS — Brasil

ESTUDOS LEOPOLDENSES

Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo

Publica trabalhos de pesquisas dos professores e formados da Faculdade, nos seguintes setores:

História e Ciências Sociais — História Natural

Filosofia — Letras — Matemática — Educação

Pode ser conseguida em volumes, contendo todos os artigos, ou em cadernos separados por setores.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Endereço: **Estudos Leopoldenses** — Praça Tiradentes, 35
93000 **São Leopoldo** — RS — Brasil

Serviço gráfico de Rotermund S. A. — São Leopoldo, RS — 31294